

LÍDIA MARIA LOPES FERREIRA MENDES

**LER EM TEMPO LIVRE DURANTE O ESTADO
NOVO: A FUNÇÃO DO SUPLEMENTO INFANTIL
PIM-PAM-PUM NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA**

Orientador: Professora Doutora Áurea Adão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação

Lisboa
2010

LÍDIA MARIA LOPES FERREIRA MENDES

**LER EM TEMPO LIVRE DURANTE O ESTADO
NOVO: A FUNÇÃO DO SUPLEMENTO INFANTIL
PIM-PAM-PUM NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de
Mestre em 2011 no Curso de Mestrado em Ciências
da Educação conferido pela Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Professora Doutora Áurea Adão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação

Lisboa
2010

À memória dos meus pais pelo legado que me deixaram: confiança e persistência.

À minha querida sobrinha e afilhada Ana pelo apoio e incentivo.

Agradecimentos

Em primeiro lugar um agradecimento muito especial à Professora Doutora Áurea Adão pela disponibilidade ilimitada demonstrada desde o início em auxiliar-me nesta investigação, assim como pelas suas valiosas sugestões em termos científicos.

Gostaria de agradecer ao Professor Doutor António Teodoro, a confiança e apoio incondicional na concretização de mais um dos meus projectos de vida.

Agradeço a sábia exigência, orientação e experiências transmitidas ao longo do 1º Ano do Curso de Mestrado em Ciências da Educação por todos os docentes que me acompanharam nessa fase com vista à concretização do trabalho final – a dissertação.

Agradeço aos meus sobrinhos e irmãs o permanente apoio e compreensão. Aos meus familiares, em particular à minha querida sobrinha e afilhada Ana e esposo António pelos conselhos e leituras efectuadas.

Às minhas queridas irmãs Tábita, pela compreensão e apoio dispensado nos momentos mais difíceis deste trabalho de investigação, e Teresa pelo carinho, troca de experiências e momentos em que estive ausente.

Aos funcionários dos Serviços de Referência e Sala de Leitura das bibliotecas onde realizei a minha pesquisa, pela eficácia no atendimento e disponibilização de documentos essenciais para a dissertação: Hemeroteca Municipal de Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca Municipal de Algés, Centro de Documentação e Informação da DGIDC do Ministério da Educação e Biblioteca da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

A todos os meus colegas, pelo seu permanente apoio, amor, carinho e compreensão, ao darem-me as forças necessárias para a concretização deste estudo.

À directora do Agrupamento EBI de Miraflores, Dra. Fátima Rodrigues, agradeço a sensibilidade e incentivo na concretização deste projecto.

Resumo

Esta dissertação tem como objectivo compreender a influência da ideologia do Estado Novo nos conteúdos inseridos no suplemento infantil *Pim-Pam-Pum*. Visa ainda relacionar, num determinado momento temporal o suplemento infantil de um dos jornais mais lidos da época *O Século*, com a ideologia do Estado Novo. Procura identificar os valores incutidos nos números a analisar no *Pim-Pam-Pum* num período de dois anos. O período histórico em análise do suplemento infantil *Pim-Pam-Pum* compreende os exemplares entre 1953 a 1955.

Como principais conclusões do estudo retira-se que o suplemento infantil procurava educar o seu público de forma lúdica. Por outro lado, transmitia e incutia em colaboração com a família os principais valores salazaristas. A imprensa escrita passa a ser uma arma de propaganda ideológica do Estado Novo numa tentativa de conter informação desfavorável ao regime perante as pressões internas e externas. Com a institucionalização da censura após a segunda Guerra Mundial, a vigilância e o exame das publicações dos organismos competentes em colaboração com a própria auto-censura dos jornalistas, simplificou-se. No entanto a imprensa procurou cumprir com a sua missão de divulgação cultural e lúdica através de jornais diários, revistas e suplementos infantis.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Conceito de criança. Escola Portuguesa. Imprensa. Valores do Estado Novo.

Abstract

The aim of this dissertation is to understand the influence of the ideology of the "Estado Novo" in the contents inserted in the children's supplement *Pim-Pam-Pum*. It also aims to relate, in a certain historical period, the children's supplement of one of the most important newspapers of the time, "O Século", with the ideology of the "Estado Novo". In addition, it intends to identify the values ingrained in the numbers to be analysed in *Pim-Pam-Pum* in a period of two years. The period under analysis of the children's supplement *Pim-Pam-Pum* includes the numbers from 1953 to 1955.

One of the main conclusions of this study is that the children's aforementioned supplement aimed to educate its audience in a joyful manner. On the other hand, it transmitted as well as inculcated with the families' collaboration the main Salazarist values. The press becomes a weapon of ideological propaganda of the "Estado Novo" in an attempt to keep harmful information to the regime from the internal and external pressures. With the institucionalization of censorship after the Second World War, the careful surveillance of publications by the competent and relevant organisms in collaboration with the censorship made by the journalists themselves, was simplified. However, the press tried to accomplish its mission of cultural and playful diffusion by means of newspapers, magazines and children's supplements.

Key Words: Children's Literature. Child's concept. The Portuguese School. Press. The Values of the "Estado Novo".

Índice

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: A literatura infanto-juvenil em meados do século XX.....	13
1. Mundialização da literatura para crianças	14
2. A literatura infanto-juvenil	18
3. A importância da literatura infanto-juvenil portuguesa na formação da criança	20
CAPÍTULO II: A formação da criança no Estado Novo.....	28
1. A escola de ensino primário	29
1.1. A divulgação da ideologia salazarista	31
2. A questão da educação	32
3. Pentalogia versus trilogia.....	34
CAPÍTULO III: Estratégia salazarista: difusão limitada e coerente de valores absolutos	36
1. O Estado Novo: sistema autoritário, organicista e conservador	39
2. Projectão espiritual de Oliveira Salazar	40
3. Processo doutrinário: principais valores salazaristas	43
3.1. A Família: lugar privilegiado para o processo difusor de valores.....	46
CAPÍTULO IV: Influência ideológica do regime salazarista, reflectida no suplemento infantil <i>Pim-Pam-Pum</i>	48
1. Função da Imprensa no Estado Novo	49
2. O jornal O Século: seu funcionamento.....	50
3. Os suplementos infantis.....	51
4. Influência ideológica do regime reflectida no suplemento infantil <i>Pim-Pam-Pum</i>	52
4.1. Abrangência geográfica e autores do <i>Pim-Pam-Pum</i>	54
4.2. O <i>Pim-Pam-Pum</i> e os seus conteúdos, no período em análise	57
4.2.1. Livro único	60
4.2.2. Autoridade	62
4.2.3. Deus	63
4.2.4. Pátria	65
4.2.5. Família	66
4.2.6. Trabalho.....	67
REFLEXÃO FINAL	68
BIBLIOGRAFIA	70

ANEXOS	75
ANEXO I.....	76
ANEXO II	100

INTRODUÇÃO

O estudo que apresentamos *Ler em tempo livre durante o Estado Novo: a função do suplemento infantil «Pim-Pam-Pum» na formação da criança* assenta em vários pressupostos nomeadamente, na existência de:

- um maior número de investigadores a divulgar os seus estudos sobre o Estado Novo (décadas de 1930 a 1940, 1960 a 1970) e após o 25 de Abril;
- ausência de investigação sobre páginas de educação dos jornais diários, como *O Século* que, em certos períodos, desempenharam um papel de grande relevo, pela possibilidade que ofereciam de alargar o debate educativo a um público não especializado (Nóvoa, 1993:XVI-XVII);
- contacto com a banda desenhada, durante a nossa infância, através de revistas, livros e páginas infantis de jornais diários;
- desejo de aprofundar conhecimentos sobre a literatura infanto-juvenil iniciados noutros projectos de vida, e identificar valores salazaristas através do suplemento infantil de um importante jornal diário da época *O Século*.

Filomena Mónica, no seu estudo efectuado sobre o período 1926-1938, refere que o regime do Estado Novo foi essencialmente uma reacção contra a primeira República, o que teve óbvias implicações ao nível das ideologias e das estratégias educacionais (Mónica, 1978:344). Relativamente à função do ensino básico, afirma:

em primeiro lugar os objectivos apontados pelo Estado Novo à escola primária representam uma excelente ilustração de uma concepção específica de escola – de uma concepção que a via principalmente como uma agência, não de transmissão de conhecimentos («instrução»), mas de formação de consciência («educação») (Mónica, 1978:344).

Por sua vez, Ana Benavente diz que o regime do Estado Novo era,

um regime conservador, correntemente apelidado de «fascista» mas bastante diferente dos fascismos europeus; era um regime corporativista, segundo a Constituição de 1933, em que «a Nação» era destacada em relação às classes sociais e a partidos políticos; regime ditatorial no sentido da centralização do poder na imagem de um só homem, sem liberdades individuais e colectivas. Era um regime em que «deve o Estado ser tão forte que não precise de ser violento»,

apoiado pelos militares e pela Igreja Católica; nele, a Escola, o Exército e a Igreja eram os mediadores ideológicos (Benavente, 1999:54).

A nossa pesquisa desenrola-se em redor do suplemento infantil *O Século*, na expectativa de procurar enquadrá-la num determinado tempo e espaço de modo a permitir compreender o seu significado.

A opção do período de análise foi a década de cinquenta do século XX, por ser um momento temporal ainda pouco investigado relativamente ao tema e ter tido possibilidade de acesso ao último álbum completo do suplemento infantil de *O Século*. A imprensa da época exerceu não só uma função na dimensão de arma de oposição mas também na de propaganda. Surge assim a necessidade de encetar a desmontagem da ideologia do Estado Novo no suplemento infantil de um dos jornais com maior expansão nacional na época, procurando a propaganda de valores que eram incutidos nas crianças.

A pesquisa baseia-se numa observação analítica dos conteúdos texto/imagem apresentados nos diferentes números dos suplementos infantis *Pim-Pam-Pum* e na identificação de valores, noções, ideais e condutas impostas pelo regime e que emergem dos mesmos, num determinado momento temporal, ou seja, de Dezembro de 1953 a finais de 1955.

A taxa elevada de analfabetismo e a política educativa do Estado Novo, foram questões que preocuparam muitos autores e originaram estudos de investigação. Teodoro (2001:26) referencia, entre outros investigadores, Rogério Fernandes, Rui Grácio, José Salvado Sampaio, Áurea Adão e Maria Filomena Mónica, pela realização de estudos sobre a educação infantil e a sociedade no Portugal de Salazar através do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian. No entanto, outros autores ocuparam-se, posteriormente, do tema.

Neste trabalho de investigação pretendemos responder à questão: Qual a influência ideológica e de propaganda do *Pim-Pam-Pum*? De acordo com esta questão, definimos como objectivo de investigação compreender a influência da ideologia do Estado Novo nos conteúdos inseridos no suplemento infantil *Pim-Pam-Pum*. No âmbito desta questão foram ainda definidos objectivos específicos: relacionar, num determinado momento temporal, o suplemento infantil de um dos jornais mais lidos da época, *O Século*, com a ideologia do

Estado Novo; e identificar os valores incutidos nos diferentes números a analisar do *Pim-Pam-Pum*.

A opção de limitar a investigação a um período de dois anos levou à necessidade de desenvolver um trabalho bem estruturado e de rigor repartido por várias etapas, de modo a permitir alcançar os objectivos definidos e dar resposta à questão que formulámos para o projecto de dissertação de Mestrado.

Procurámos recorrer a diversas fontes para recolha de dados, nomeadamente teses, jornais, revistas e estudos na Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca Municipal de Algés, Centro de Documentação e Informação da DGIDC do Ministério da Educação, Biblioteca da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação sobre literatura infantil e o regime salazarista, valores e outros temas que, de algum modo, se pudessem relacionar com o jornal *O Século* e o seu suplemento infantil.

Os exemplares do suplemento infantil *Pim-Pam-Pum* do período em estudo (1953-1955) foram recolhidos na Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa.

O estudo tem por base a utilização do método histórico, tendo em atenção as suas diferentes fases: heurística, críticas interna e externa e hermenêutica.

Numa primeira fase, procedemos à recolha de informação e dos suplementos infantis *Pim-Pam-Pum*, de Dezembro de 1953 a finais de 1955. Numa segunda fase, elaborámos uma ficha de análise para os 107 números do suplemento *Pim-Pam-Pum* e procedemos ao seu preenchimento e estudo. A nossa preocupação nesta fase do trabalho consistiu em procurar encontrar textos ou partes de texto que correspondam a um reflexo do tempo em que foram escritos, transbordando a ideologia vigente na época, com o objectivo de “ensinar divertindo”, característico da década de 1950. As referências e citações são mencionadas de acordo com as normas American Psychological Association (APA).

A dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos: o primeiro intitulado contextualização, engloba a literatura infanto-juvenil e a sua importância na formação da criança no período da ditadura; o capítulo segundo, que aborda a formação da criança no

Estado Novo e o papel desempenhado pela escola de ensino primário, o capítulo terceiro onde analisamos a estratégia salazarista na difusão limitada e coerente de valores absolutos e o capítulo quarto investiga a função da imprensa do Estado Novo e em particular a possível e pretendida influência ideológica do regime exercida pelo suplemento infantil de *O Século* no público infantil leitor.

CAPÍTULO I

A literatura infanto-juvenil em meados do século XX

1. Mundialização da literatura para crianças

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível
que pareça, a quase totalidade não sente esta sede.
(Carlos Drumond de Andrade, *in* Silva, Paulo, 2005:116)

Perrot (2008:105) destaca que a literatura é um dos múltiplos instrumentos conferidos à criança pelo adulto para a sua formação e socialização. França, país com longa tradição escrita, desenvolve na época moderna um lento processo de escolarização e de moralização. O projecto de educar de forma lúdica impôs-se em França na Corte de Versalhes, onde se redigia contos para as crianças do Rei-Sol e se aperfeiçoava a pedagogia da Contra-Reforma. Mais tarde, o propósito unificador é retomado na perspectiva republicana da Escola laica e diversifica-se na sociedade contemporânea multicultural com o desenvolvimento da edição de publicações. Aquele mesmo autor, como exemplo literário do projecto educativo ou cultural em França, refere o livro de Egle Becchi et Dominique Julia, *Histoire de l'enfance en Occident*, traduzido do italiano em 1998, após os estudos apresentados por Philippe Ariès em *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Regime* do início da década de 1960.

Na actualidade, a criação e a expansão da internet tem contribuído para a emergência de novas práticas de escrita e de pedagogia postas ao serviço do desenvolvimento de políticas educativas na busca do reencontro da cultura, por meio de formas complexas e trocas interactivas entre os países mais desenvolvidos a nível editorial e os que dispõem de meios limitados na rede de comunicação (Perrot, 2008:106).

Perrot (2008:78) denuncia na voz de escritores de várias nacionalidades e diferentes continentes – África, Ásia e América – o problema da exploração de crianças, muitas delas abandonadas por pais irresponsáveis e órfãos de guerra, como por exemplo, no continente africano:

En réalité, l'impression s'impose parfois que l'Afrique est elle-même la «décharge» des pays industrialisés qui écoulent leurs vieilles voitures, des réfrigérateurs et des médicaments périmés. Plus graves, l'élimination des déchets dus à la consommation africaine pose des inquiétudes majeures. Cette question qui a des incidences directes sur les enfants, abandonnés dans ces pays ou rendus orphelins par la guerre, est abordée directement par le court récit de Ouaga-Ballé Danaï, *Djim Zougrou, l'enfant des rues* (...), fait partie de la

collection «Jeunesse» dirigée par Isabelle Cadoré, Denis Rolland et Joële Chassin qui rassemblent des textes venant des pays émergents ou d'aires linguistiques de faibles ampleur en France (Perrot, 2008:78-79).

São heróis e vítimas privilegiados da mundialização que enfrentam todos os dias uma batalha cruel de sobrevivência na sociedade africana e que são retratados na literatura. Mas o único meio de tornar válida uma publicação de contos orais era recorrer à língua inglesa e em simultâneo às línguas locais (Perrot, 2008:112). Muitos investigadores europeus e locais recolheram histórias orais de diversos países africanos, como foi o caso do missionário alemão Julius Oelke que conseguiu reunir um conjunto de histórias orais da Tanzânia no início do século XX. Na Nigéria, aparecem livros escolares escritos entre 1909 e 1915 nas línguas nigerianas; em 1927, nasce a primeira antologia nesta língua e em 1938 surge o primeiro romance, *Ogboju Ode ninu idghbo Irumale (O Bravo Caçador na floresta dos quatrocentos deuses)* de D.O. Fagunwa. Este livro, correspondendo às aspirações nacionais, foi utilizado como literatura de escola até os anos de 1965 (Perrot, 2008:99).

No decénio 1955-1965, considerado a «idade de ouro» da literatura juvenil, multiplicaram-se os defensores africanos de uma literatura «nacional». Paul Gouin no seu artigo *A literatura infantil, escola do patriotismo*, publicado em 1954, reforça a necessidade de uma formação nacional da literatura infantil em pé de igualdade com a inglesa ou francesa (Perrot, 2008:99).

A aparição tardia da literatura juvenil e a representação dos negros em certos países africanos, estão relacionadas com o peso da oralidade e a dependência às metrópoles dos colonizadores, que, durante longo tempo, travaram o desenvolvimento da imprensa e das edições locais. O primeiro álbum reconhecido com qualidade foi publicado em 1955, na África do Sul em afrikaans, intitulado *Stories van Rivierplaa (Histórias da herdade do ribeiro)* de Alba Bower, ilustrado por Katrine Harries. O primeiro livro para crianças escrito em inglês por um Sul-Africano, editado por uma casa de edição local, sem ter vindo de Inglaterra, foi *Mantis and the Moon*, de Marguerite Poland, publicado em 1979. Mais tarde, surge a publicação *Contos de África para as crianças do mundo*, seleccionados por Nelson Mandela, escrito em afrikaans e em inglês (Perrot, 2008:110).

Através de publicações de álbuns específicos contendo culturas inéditas provenientes de países do Extremo Oriente como a China, os leitores europeus foram despertados para registos

múltiplos do realismo literário da cultura popular. Essa divulgação, para Perrot (2008:16), poderá facilitar, ou não, o enriquecimento da memória e conhecimento da língua dessas nações.

Mark Twain, considerado o precursor da literatura americana, escreveu para crianças e adultos, num estilo de fácil leitura. E fez as delícias de crianças portuguesas que aos seus livros tiveram acesso. Conseguiu ler as mentes, extrair o essencial das emoções e desejos de infância e transpor para os seus romances aventuras com enredos que continuam a fascinar as crianças de todo o mundo. Duas obras se tornaram imortais: *Aventuras de Tom Sawyer* e *O príncipe e o pobre*. A primeira, recheada de humor e optimismo, continua a ser um clássico na literatura infanto-juvenil, com intenção mais de divertir do que educar, não podendo, por isso, ser considerado um livro pedagógico. Mark Twain procura realçar valores característicos dos heróis de palmo e meio: ingenuidade, generosidade, espontaneidade e sinceridade. O protagonista Tom Sawyer transgride a todo o momento as regras impostas pela sociedade e não é um menino exemplar: não obedece a ninguém, não gosta de estudar e ir à missa ao domingo, prefere andar descalço para evitar castigos, mente, não assume responsabilidades e não gosta de tomar banho. Para sobreviver na sociedade, usa a astúcia e, quando necessário, engana os outros, em busca de prazer e aventura.

Por outro lado, o escritor Mark Twain no romance *O príncipe e o pobre* revela os dois traços que mais o caracterizam: a camaradagem e a amizade. Esta obra destaca o desequilíbrio social entre o príncipe e a criança pobre. A criança pobre embora aspire por dias melhores acaba por aceitar com humildade e alguma resignação a situação de carência material absoluta na sociedade. O romance foi adaptado para o cinema nos anos de 1915 sob a direcção de Edwin Stanton Porter e, em 1937, dirigido por William Keighley e William Dieterle. Foi igualmente adaptado a telenovela no Brasil, tendo sido exibida pela Rede Record entre 4 de Janeiro e 9 de Abril de 1972. Também o jornal português *O Século* fez a sua adaptação para o suplemento infantil *Pim-Pam-Pum* e apresenta-o em dezanove episódios, desde o número 1498 ao 1516, período editorial de que nos vamos ocupar. Nos números 1498 e 1499 apresentam-nos os protagonistas e os espaços que cada um ocupava:

Duas crianças nascidas no mesmo momento e duas mães felizes
(...). Quem eram os dois bebés?

Um era filho do rei de Inglaterra, Henrique VIII e chamava-se Eduardo. O outro era filho de um ladrão e puseram-lhe o nome de Tom. (...)

Dois berços tão diferentes e duas crianças: uma destinada ao trono, a outra à miséria, uma, um príncipe...outra, um mendigo. (...)

No pobríssimo quarto onde vivia, habitava também um certo Padre André, velho e bondoso, sacerdote católico que gostava muito de crianças e apreciava a inteligência viva e o bom coração do nosso Tom. (...) Emprestava-lhe livros cheios de lindas gravuras, sobre os quais Tom sonhava... Sonhava, por exemplo, que era um príncipe e que falava numa linguagem florida, bem diferente daquela que estava acostumado a ouvir aos seus companheiros da rua... O mais engraçado é que também esses companheiros também o olhavam como se, na verdade, fosse um príncipe... (Pim-Pam-Pum, 1955,1498-1499:4)

No capítulo VI está espelhada a amizade e a camaradagem parecendo que não existiam então diferenças sociais tão profundas, mas patente o sentido da autoridade e do seu acatamento. Dá-se o encontro entre o príncipe Eduardo e o menino pobre Tom. O príncipe ordena então que Tom o siga para brincar com ele no quarto do palácio:

- Para brincar com... Mas vós não podereis! Eu sou um pobre...

- Eu sou o príncipe de Gales e ordeno. Anda! (...)

- Oh! Não! Não, meu belo príncipe! Não façais mal ao comandante por minha causa. Perdoai-lhe como quer Nosso Senhor!

- Seja! Mas chega-te àquela mesa e come o que quiseses. Come um cacho de uvas... ou o que te apetecer...

Tom não esperou que lho pedissem de novo. Aproximou-se da mesa e...devorou um pouco de tudo. Depois, encorajado pelo sorriso benévolo de Eduardo, exclamou:

- Até me parece que também sou um príncipe!

- Na verdade...não pareces! A não ser que sejas o «príncipe dos pobres...» (Pim-Pam-Pum, 1955, 1503:4)

O príncipe teve a ideia de trocarem de roupa. Ao olharem para o espelho verificaram que os seus rostos eram perfeitamente idênticos. O príncipe vestido de pobre foi confundido com o pequeno mendigo e o guarda expulsou-o do palácio. O rei muito doente, ao ver o filho, pensou que delirava e que o seu cérebro estava cansado devido ao estudo do latim e do grego... O rei acaba por falecer e Tom tenta explicar a Lorde Harthford que o príncipe e ele são muito parecidos. E questiona-se por onde andará ele com os seus farrapos de mendigo? Recorreram à prova do cão, e este com fúria atirou-se a Tom. Lorde acreditou e Tom não queria ocupar o trono mas, para isso, era necessário encontrar o verdadeiro rei. Este passava por momentos de angústia e pressão no exterior do palácio. Encontrou um soldado que o salvou de ser morto pelos guardas do rei e o ajudou a chegar a tempo de ser coroado rei.

- Majestade, eu, Tom Canty, mendigo, presto-vos juramento de fidelidade, e peço-vos perdão, de, contra minha vontade, ter ocupado o vosso lugar.
- Um momento! – gritou o arcebispo.
- Necessitamos de provas... Onde está o selo real que vosso pai vos deve ter confiado antes de morrer?
- Está... – respondeu Eduardo – Está na luva da armadura que se encontra á entrada do meu gabinete.
O selo real foi encontrado. E Eduardo foi coroado rei.
Naturalmente, tudo mudou a partir de então. (...) lorde Hertford desterrado para sempre da corte. O soldado não quis receber o alto posto do exército que o rei lhe concedia, pois amava a sua vida aventurosa. Mas Eduardo protegeu-o enquanto viveu. Quanto a Tom, foi nomeado primeiro pagem do novo soberano.
E assim termina a história do príncipe e do pobre.
Um foi rei, o outro pajem do rei e ambos viveram muito felizes. (Pim-Pam-Pum, 1955, 1516:4)

2. A literatura infanto-juvenil

Manuel Araújo, na sua obra *A emancipação da Literatura Infantil*, perante a questão se há ou não uma literatura infantil enquanto género literário, afirma que parecem legítimas as dúvidas e suspeitas sobre a existência da literatura infantil e sobre o seu estatuto literário (2008:40). O próprio conceito de literatura infantil ou infanto-juvenil¹ tem também norteado alguma discussão. Para José António Gomes esta contestação deve-se à ausência de reflexão teórica e rigor crítico e à tendência de considerar-se coberta pela designação de literatura para a infância² uma extensa produção cultural para crianças e jovens, desde o álbum de imagens aos livros de divulgação científica e de carácter didáctico, passando pela banda desenhada e pela imprensa infantil (2000:24). José Jorge Letria, por sua vez, acentua que em Portugal e em meados da década de 1970, assistiu-se à autonomização e ao enriquecimento, tanto em termos estéticos como pedagógicos, da literatura para crianças e jovens havendo, contudo, quem atribua a esta área da escrita criadora um estatuto de menoridade (2000:40). Esses críticos pensam que se trata de uma literatura praticada apenas por avós que, em situação de reforma, passam a escrita as fábulas, as lenga-lengas, os mitos, as lendas e as melopeias que lhes ficou da infância. Consideram, assim, que estão em presença de uma sublitteratura que não deve ser levada muito a sério, associando à literatura dita infanto-juvenil o estigma de menoridade e de

¹ Optamos por esta designação pois parece-nos, tal como Sérgio Sousa (1998:63) e Gisela Silva (2006:17), que a literatura infanto-juvenil adopta “uma semiose estética dirigida a um receptor em formação e tem uma amplitude semântica mais correcta para o leitor pré-adolescente”.

² José Jorge Letria (2000:53) prefere designar este género de literatura por literatura para a infância.

responsabilização em termos literários e culturais. No entanto, aquele autor acrescenta que as Escolas Superiores de Educação e, mais recentemente, as Universidades têm desenvolvido trabalho quanto ao enquadramento teórico, estético e pedagógico deste tipo literário de criação e de comunicação, pondo em causa o estatuto menorizante que lhe é atribuído por certos sectores. O público mais especializado nesta área começa a compreender que as fronteiras entre a literatura para crianças e a que se dirige especificamente aos adultos começam a esbater-se em termos valorativos. Acentua ainda que “escrever para crianças não é uma escrita menor para escritores menores sentirem que também são escritores, e sim um trabalho de rigor e de incessante pesquisa temática e formal que não pode nem deve dar tréguas a quem nela se aventura” (Letria, 2000:40).

Tanto na literatura para crianças e jovens como na que é dirigida aos adultos, podemos encontrar bons e maus textos. Para José Jorge Letria, escrever para crianças não é um acto de menoridade mas de responsabilidade. Usa como exemplo, Frederico Garcia Lorca que procurou

demonstrar que uma noite de luar de há cem anos é ao mesmo tempo igual e diferente de uma noite de luar de há dez anos. Porquê? Porque o luar é o mesmo, mas mudou o nosso modo de olhar e a grelha de valores estéticos e científicos em que se apoia esse simples e naturalíssimo acto de olhar (Letria, 2000:41).

Para este escritor estão a aparecer em Portugal pessoas capacitadas, do ponto de vista conceptual, para analisar o processo da literatura para crianças sem o empirismo e a superficialidade de quem considera que escrever para os mais novos é um exercício menor e sem grandes consequências. Seguindo as concepções de Carlos Drumond de Andrade e de Cecília Meireles, defende Letria que nenhuma escrita responsabiliza e desafia tanto como a que se destina aos mais novos e jovens, ao ponto de tudo se dever fazer no sentido de derrubar as barreiras que separam o «escrever adulto» do «escrever para crianças» (2000:44).

E, ao mesmo tempo, dá também razão àqueles dois escritores quando contestam a existência de uma literatura específica e exclusivamente destinada às crianças. Deduz que a literatura ajuda a formar leitores, utiliza o sentido lúdico dos enredos e trabalha com a palavra.

Mas teríamos uma literatura mais pujante e inovadora se os nossos escritores assumissem mais a infância que persiste em pulsar dentro deles, escrevendo sob a forma de comunicar o

que sonham ser quando pequenos. Embora se vendam muitos livros para crianças e jovens, o índice de leitura nunca foi tão baixo (Letria, 2000:48).

A escola tem um papel fundamental e decisivo na conquista de leitores, por meio da persuasão, do jogo, da festa e do prazer de ler, sem ter carácter de obrigatoriedade. Há necessidade de educar para a sensibilidade, através da ligação permanente do gosto de ler ao gosto de viver (Letria, 2000:51).

3. A importância da literatura infanto-juvenil portuguesa na formação da criança

José Jorge Letria, além de jornalista e escritor, tem sido autor de textos para televisão, como por exemplo *Os segredos de Mimix*, *O rato dos livros*, *Rua Sésamo* e peças adaptadas a televisão. Por isso, defende que a televisão pode constituir um forte veículo de formação do gosto pela leitura, se apontar para autores e suas obras, integrar as referências à literatura, na dinâmica normal do quotidiano das crianças e dos jovens, no sentido da ficção, com a conjugação de som, cor e ritmo, desenvolvendo-se os enredos através das suas personagens (Letria, 2000:48).

No entanto, não podemos esquecer que os grandes clássicos da chamada literatura infantil e juvenil que não foram especialmente escritos para crianças e jovens, foram eleitos por eles como coisa sua. São textos perceptíveis e de leitura estimulante, como aconteceu com *As viagens de Gulliver*.

José António Gomes refere que “actualmente há uma invasão de pequenas novelas juvenis de aventuras e ficção científica, que pode permitir, em especial a pré-adolescentes com carências culturais de várias ordens, um contacto prolongado com o livro e um trampolim para o futuro acesso à literatura. E na área da produção ficcional a grande literatura ocupa um lugar discreto mas acentuado de des/ordem” (2000: 24).

Nos primeiros vinte anos do século XX, defendeu-se uma literatura de qualidade sendo considerado o *período de ouro* na literatura infanto-juvenil (Araújo, 2008:109). De entre os autores da fase áurea desta literatura, não podemos deixar de referir: **Jaime Cortesão**

(*Romance das ilhas encantadas*), **António Sérgio** (*História trágico-marítima*), **Aquilino Ribeiro** (*Romance da raposa*) e o poeta **Afonso Lopes Vieira** (adaptação da obra de Gil Vicente). Mas, a partir da década de 1930, a literatura infantil bem como a própria literatura para adultos enfraqueceram devido à ditadura que governou Portugal. As publicações passaram a ser vigiadas pela Censura do Estado e assiste-se ao desaparecimento progressivo de jornais e suplementos dedicados às crianças, escritos por portugueses. Mas, esta lacuna é suprida pelo aparecimento de revistas e jornais publicados pela Mocidade Portuguesa (instituição do regime para controlar a juventude) como *Lusitas/Fagulha*, *Camarada*, *Menina e Moça*. Em 1950, é publicado pela Direcção dos Serviços de Censura um regulamento contendo as *Instruções sobre literatura infantil*, onde se definia que as crianças não deviam ter antes do tempo, preocupações de homens, devendo evitar-se escritos impregnados de inveja perante os mais favorecidos pela fortuna e de incremento a lutas sociais. Para Francesca Blockeel, 1936 foi o último ano em que se publicou um livro de qualidade (2001:37).

A redução da escolaridade obrigatória para 3 anos, confirmada em 1936, reflectiu-se nos hábitos de leitura das crianças. Era um período curto de escolaridade e os alunos não adquiriam o gosto pela leitura. A escola de ensino primário, que se encontra ao serviço da Nação nessa primeira fase do Estado Novo, tem como finalidade principal a formação moral e patriótica dos futuros cidadãos (Adão, 1984:112).

Houve a preocupação de traduzir uma série de obras estrangeiras e o livro único funcionava como o paradigma do monolitismo ideológico. Manuel Araújo refere que os livros infantis deviam tratar, a nível temático, ideias relacionadas com a fé e o patriotismo, conceitos considerados os pilares-base para a sustentação do regime (2008:110). O Estado Novo procurava incutir nas crianças e jovens a ideologia conservadora do regime através de temas pátrios e símbolos nacionais, figuras heróicas e épocas da História portuguesa (Blockeel, 2001:54).

Para Manuel Araújo, as novas tecnologias mediáticas – rádio, imprensa, cinema e, mais tarde, a televisão –, levaram ao decréscimo das leituras que só voltariam de novo a desenvolver-se após o 25 de Abril de 1974. Com o controlo e pressão autoritária do regime não há produção literária de qualidade. Surge a americanização do jornalismo para crianças e da banda

desenhada. Maria Laura Bettencourt Pires (s.d:136) refere que, a partir de 1950, muitas das revistas portuguesas começaram a seguir os modelos estrangeiros, a incluir traduções de textos e bandas desenhadas de revistas publicadas noutros países. Surgiu também uma grande quantidade de revistinhas brasileiras como *Pato Donald*, *Rato Mickey* e *Tio Patinhas*. Torna-se difícil encontrar uma revista que se distinga das outras pela sua originalidade ou qualidade. É o caso de *O meu amigo* (director Ferrão Moreira), *O Pirilau* (director Gomes Ramos), *O Pirata* (director Alves Martins) ou *Pisca-Pisca* (director Álvaro Parreira).

Assiste-se a uma supervalorização da tecnologia, um acondicionamento aos programas de televisão, a explosão de revistas aos quadradinhos, uma sobrecarga imagística que o adulto, sem perspectiva crítica, faz recair sobre a criança (Carvalho, 1989:172).

Na década de 1950, os autores **Adolfo Simões Muller**, **Emílio de Sousa Costa** e **José de Lemos** são os eleitos entre as crianças e os adolescentes (Magalhães, 2009:138). Por essa época, o Serviço de Escolha de Livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias tinha como papel fundamental a selecção de obras infantis a serem difundidas, limitando a produção editorial em Portugal a um número reduzido de autores. Muitas dessas obras, relacionadas com o regime vigente, revestiam carácter histórico e apologético.

Odette de Saint-Maurice começou por publicar livros para rapazes, tendo sido um êxito na década de 1950 a sua obra *Um rapaz às direitas*. Posteriormente, dedica-se ao romance de amor, ao romance para raparigas, como *Sou uma rapariga de Liceu*, *Amigos*, *Colégio de Verão*, *Férias grandes* ou *Os filhos de Ana Margarida* publicado em vários volumes. A linguagem utilizada é muito simples e o “adolescente adere à «intriga», identifica-se com as personagens e situa-se na narração”. Foi dos poucos autores a escrever para a juventude (Correia, 1973:31-32).

No entanto, notabilizaram-se duas mulheres ao produzirem obras de qualidade, criando nas crianças o hábito da leitura: **Ana de Castro Osório** e **Virgínia de Castro Almeida**. A primeira escreveu muitas histórias para a *Colecção para as Crianças* por ela criada. A primeira fase da obra de Virgínia de Castro Almeida caracteriza-se pelo ideário republicano, que abandona posteriormente para aderir com convicção ao Estado Novo. Foi fundadora da *Colecção Bibliotecas para os meus Filhos* e escreveu para o público juvenil, ainda na década de 1930, a trilogia *Terra bendita*, *Trabalho bendito* e *Capital bendito*. Em 1942, publicou a

ficção *História de Dona Redonda e da sua gente* e, no ano seguinte, uma outra, *Aventuras de Dona Redonda*. Dirigiu e escreveu a colecção *Pátria* composta por narrativas de recorte histórico e patriótico. Os seus livros seriam dos mais divulgados nessa década e nas duas subsequentes. *A História de Dona Redonda e da sua gente* parece ter servido não só de inspiração à legislação sobre literatura infantil na década de 1950 mas também ter funcionado como impulsionadora para a produção literária antagónica que Alves Redol veio a dedicar às crianças (Magalhães, 2009:139).

Em 1956, **Alves Redol** estreia-se na literatura infantil com *A vida mágica da Sementinha* – numa breve história do trigo. Não incitava directamente a “lutas sociais” mas revelava preocupações sobre a forma e a labuta do povo pelo pão. Os textos criados propositadamente para as crianças, de cariz didáctico, continham temas relacionados com o mundo real e também alguns eram oriundos do universo da literatura tradicional, embora fossem modelados e renovados criativamente.

Alves Redol, Sidónio Muralha e Papiniano Carlos são três autores integrados no movimento literário do neo-realismo que escreveram também para o público adulto utilizando a personagem da criança. Introduziram ensinamentos sobre o quotidiano sem dissimulações: mundo rural ou urbano, laboral, ambiental, ... O legado neo-realista embora pouco abundante, na sua produção literária foi inovador e de qualidade.

Violante Magalhães, na análise da situação da criança portuguesa através de narrativas literárias sobre e para a infância, no neo-realismo português, destriça que

a política do Estado Novo ficava aquém da de outros países ocidentais: não garantia um apoio digno a filhos de famílias carenciadas; não viabilizava o acesso a uma escolaridade elementar de molde a que ela se tornasse efectiva; permitia exploração laboral da infância. Por conseguinte, nesses tempos de economia débil, de uma política repressiva estava vedado a um número considerável de crianças o exercício do seu *ofício* (Magalhães: 2009:56).

Mais adiante, acrescenta a mesma autora:

A gritante disparidade da condição da infância portuguesa comparativamente a situações vividas noutros países, é aliada ao forte empenhamento ideológico dos escritores daquela corrente, com que

solicitavam a entrada da criança nas páginas literárias que (alguns deles) nos legaram (Magalhães, 2009:57).

Ilse Rosa, estreia-se em 1949 na escrita para os públicos adulto e infantil: *O mundo em que vivi* (romance de cariz autobiográfico) e *Faísca conta a sua história* (relato das incompreensões sofridas pelos mais frágeis). Em 1955, publica as narrativas infantis *A flor azul* (reconto de três contos populares alemães), em 1958, *Um fidalgo de pernas curtas* e *Um artista chamado Duque* e, em 1960, *O mosquito e o Sr. Pechincha*.

Sophia de Mello Breyner Andresen escreveu também, entre outros contos infanto-juvenis, *O rapaz de bronze* em 1956, *A menina do mar* e *A fada Oriana* em 1958, *A Noite de Natal* em 1960, *O cavaleiro da Dinamarca* em 1964 e *A floresta*, alguns anos mais tarde, em 1968. No enredo está sempre presente o maravilhoso e há a intenção moral ao protagonizar os valores sociais desagregadores como a falsidade, a injustiça, a fealdade, contra os valores positivos da verdade, da harmonia, da justiça e da beleza (Magalhães, 2009:146). Em *O rapaz de bronze*, uma menina de 7 anos, a Florinda, fica amiga de uma estátua, o rapaz de bronze e adquire vida à noite e a noite “é o dia das coisas”. Em *A menina do mar*, para além da amizade entre o pequeno ser vindo do mar e um rapazinho, experimenta sentimentos novos como a saudade, que é a tristeza que fica em nós quando as coisas que gostamos se vão embora. No conto *Oriana*, a protagonista é uma fada boa e muito bonita, que vivia em ambiente harmonioso na floresta, protegendo os homens, os animais, as plantas e fazia companhia ao Poeta. Oriana apercebe-se da sua beleza e esquece-se de ajudar os amigos que dependem dela. É castigada, fica sem asas e varinha de condão. Recupera a condição de fada, quando toma consciência das suas atitudes e arrependida volta a preocupar-se e a ajudar os que dependem dela. Em *A noite de Natal*, a história trata de uma menina de 9 anos que se torna amiga de um menino pobre, o Manuel. Resolve levar presentes ao amigo quando ouve a cozinheira da sua casa dizer que “os pobres não têm presentes”. Atravessa o pinhal e os três Reis Magos seguem com ela, guiados pela Estrela, e encontram Manuel deitado em palhas. A narrativa *A floresta* tem como protagonista uma menina de onze anos que queria libertar-se do tesouro entregue por um dos avós amigo e decide que seja o professor de música, Cláudio, a receber o tesouro (origem de todos os males). Este recusa e é entregue ao doutor Máximo que procura a fórmula de produzir ouro para doá-lo aos pobres. E ficam felizes por se libertarem do tesouro. As outras personagens são seres imaginários oriundos de outros mundos que não o humano (Magalhães, 2009:146-147).

Irene Lisboa, professora do ensino primário e educadora de infância entre 1915 e 1929 foi desenvolvendo ao longo desses catorze anos um conhecimento mais atento do público infantil. Em 1929 partiu para Genebra, especializou-se em Pedagogia e Ensino Infantil. De regresso a Portugal a partir de 1933, desempenhou as funções de inspectora-orientadora mas, após as reformas de 1936, devidas a Carneiro Pacheco, foi afastada do ensino. Alguns anos depois, dedica-se à escrita para um público juvenil com a edição, em 1955, de *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma – Historietas*. Três anos depois, surge o livro *Queres ouvir? Eu conto*, que engloba dezassete contos de acção, curtos, destinados ao público infantil, em que o universo oscila entre o mágico e o realista. Alguns desses textos enquadram-se na tradição oral. No conto *A coradinha*, a personagem é uma boneca que relata a sua história de vida, em *O medo* é realçado o temor que o escuro da noite provoca nas crianças. As suas personagens populares fogem às características habituais: no conto *Joanico* surge um herói desajeitado e em *Maria-a-Macha* a heroína era uma Maria rapaz que jogava ao eixo, atirava pedradas e andava aos ninhos com os rapazes. Quanto aos desfechos, as decisões nem sempre são as tradicionais – a recompensa substitui-se pelo castigo ou pela decepção e ausência de punição para os comportamentos pouco próprios (Magalhães, 2009:149).

Matilde Rosa Araújo estreia-se na poesia para crianças em 1957 com *O livro da tila-cantigas pequeninas*. Em 1962, publica a narrativa *O palhaço verde – Novela infantil*, no ano seguinte *História de um rapaz – Conto infantil* e, em 1967, o livro de poemas *O cantar da tila – Poemas para a juventude*.

Violante Magalhães não partilha da posição de José António Gomes quando este afirma que nos livros de Matilde Rosa Araújo se reflecte “a herança neo-realista” ao traduzir uma “atenção ao real e à vida das personagens populares e na confiança na possibilidade de uma vida nova” (Gomes, 1995:8-9). Para Violante Magalhães o recurso a personagens populares e a atenção às preocupações de ordem social não são apanágios exclusivos do neo-realismo e concorda com o crítico Fernando J. B. Martinho, quando este afirma que na obra de Matilde Rosa Araújo o que sobressai é “um delicado e magoado lirismo, capaz de dar, com intensa e no entanto contida vibração, a imponderabilidade das emoções”. A sua escrita, em verso ou em prosa, direccionada para os públicos infantil ou adulto, focaliza-se nos dramas íntimos dos

sujeitos/personagens sem estar necessariamente relacionados ao “curso histórico-social do colectivo em que se enquadram” (Magalhães, 2009:149-150).

Manuel Araújo (2008:113) referencia a autora Matilde Rosa Araújo pela comparação que fez da obra de Virgínia de Castro Almeida com o que é escrito actualmente para crianças. Nos romances de hoje há uma crítica ao comportamento familiar, que transparece nos contos para os mais novos, onde a criança não se ajusta nessa sociedade e não a leva à alegria do imaginar. Há efectivamente um contexto social e familiar diferente.

Mas Matilde Rosa Araújo não se cingiu apenas à produção literária esteve também ligada à pedagogia, e na divulgação e estudo tanto da literatura infantil portuguesa como do tema da infância na literatura portuguesa. Ao longo da década de 1960, participou em júris literários e em comissões de aconselhamento para selecção de livros infantis, nomeadamente na Fundação Calouste Gulbenkian (Magalhães, 2009:151-152).

Em Portugal, a década de 1970 lança os alicerces para a grande transformação sofrida na década seguinte ao nível do herói infantil com a sua desmistificação sem deixar, no entanto, de haver fantasia.

Após o 25 de Abril vem a liberdade de expressão e os escritores de textos para crianças têm a possibilidade de abordar outros temas, como a guerra, a fome, o meio ambiente, o racismo, as relações familiares conturbadas que expressam o cansaço através do divórcio. A criança torna-se um “adolescente precoce”, numa mistura da infância com a adolescência, adaptando-se ao meio em que vive. Há a tendência da mistura das classes sociais, o civil e o militar, uma maior abertura ao meio escolar entre alunos e professores.

Na década de 1980, criam-se prémios para o género de literatura infantil, quando se assiste a um aumento de escritores nacionais. No entanto, há quem considere que é uma época de crise na literatura infantil provocada pelo imediatismo social (Araújo, 2008:112). Por outro lado, a linha didáctica dos livros infantis enfraquece a partir dos anos de 1970, dando origem à abordagem de temas sociais. A partir de então, surgem bons exemplos em publicações de autores: Matilde Rosa Araújo, com contos do quotidiano, onde ressaltam as carências e angústias que afligem a infância; Alice Vieira, que desmistifica a atmosfera dos contos de

fadas, com títulos que apontam para o real, como *Às dez a porta fecha*, *A lua não está à venda* e António Mota, na publicação *Pedro Alecrim*.

Finalmente, convém referir que a literatura infantil é reconhecida ao nível escolar depois de 1974 e passa a fazer parte dos *curricula* das Escolas do Magistério Primário, levando a uma tomada de consciência sobre o que se faz quanto a textos para crianças e na abordagem de novos temas.

CAPÍTULO II

A formação da criança no Estado Novo

1. A escola de ensino primário

Amigos, já sabem ler?
- Meninos, quero falar
Só aos que andam a estudar
Com vontade de aprender!

Estudem!... A todos digo:
Aprendam a fazer contas!
Não sejam cabeças tontas
Que acham o estudo um castigo!

Leiam e escrevam então!
Nada saber que tristeza!
Os meninos, com certeza?
Aprendem tudo, pois não?!

Um castigo – sem igual! –
É ficarem ignorantes!
– Sejam, sim, bons estudantes...
Que é o que eu peço, afinal!³

Portugal em meados dos anos de 1950, estava na cauda dos países europeus quanto a taxa de escolarização da população com idade compreendida entre os 5 e os 14 anos, tendo apenas um valor de 45% (Luís, 2000:104). E a taxa de analfabetismo da população maior de 7 anos em 1930, situava-se em 61,8%, na década de 1940 em 49%, em 1950 nos 40,4% e 30,3% em 1960. A taxa na população feminina era ainda mais elevada. O Estado Novo despendia muito pouco em educação por habitante, sendo na Europa dos países mais baixos a investir e encontrava-se próximo da Grécia e da Espanha.

A rede escolar do ensino primário e o número de seus docentes, em Portugal, aumentou acentuadamente nas décadas de 1940 e 1950, sobretudo em zonas rurais, através da modalidade de postos de ensino, confiados a regentes escolares. No ano de 1950, o número de alunos inscritos no ensino primário, em Portugal Continental, era de 863 208, estando 285 543 inscritos na 1ª classe, 181 369 na 2ª classe, 303 533 na 3ª classe e 92 763 na 4ª classe (Magalhães, 2009:54).

³ Machado, Beatriz, “Vamos lá saber...”. *Pim-Pam-Pum*, 1954, (1456), p. 2.

A 3ª classe era o ano terminal, com exame para a população em geral, forçando muitos alunos a repetir essa classe, distanciando os alunos com frequência regular dos inscritos para exame. A taxa de frequência era de cerca de 45% e a de aproveitamento de 61% na 1ª para a 2ª classe e 76% nas restantes classes. Estes desequilíbrios percentuais de frequência escolar a partir da classe inicial, com acentuada taxa de abandono, demonstram a falta de adaptação das crianças de então à cultura escolar.

Em 1953, o Subsecretário de Estado da Educação reconhecia que o rendimento nacional dependia em larga escala do nível cultural do povo. O Ministério da Educação também reconhecia a existência de analfabetos no País o que originava fraca industrialização, escassa produtividade e baixo nível de vida sendo estes factores impeditivos do progresso técnico nacional (Luís, 2000:104).

Somente em finais de 1956 é estabelecido como final da escolaridade obrigatória o exame da 4ª classe do ensino primário e apenas para rapazes. Em 1960, é instaurada por fim a escolaridade obrigatória de quatro anos para as raparigas (Rocha, 1984:94).

Para pedagogos como Adolfo Lima, um sistema de Escola Única seria a forma de realizar a igualdade das classes sociais no que respeita aos primeiros anos de instrução e igualar a instrução primária em todos os países. Mas, pelo contrário, o sector republicano conservador e autoritário, bem como católicos conservadores opunham-se à coeducação, ao individualismo e à Escola Única. Defendiam o corporativismo, o tradicionalismo e o ruralismo da sociedade portuguesa. Oliveira Salazar numa entrevista dada a António Ferro, em 1933, considerava importante a formação de elites:

Considero (...) mais urgente a constituição de vastas *elites* do que ensinar o povo a ler. É que os grandes problemas têm de ser resolvidos, não pelo povo, mas pelas *elites* enquadrando as massas (Carvalho, 2005:23).

A corrente literária neo-realista, muito diferente do discurso «oficial», ilustrava de forma expressiva as precárias condições de subsistência das populações. O trabalho mal remunerado em meios rurais com ausência de rendimentos adequados nos assalariados, e excesso da população nessas zonas, foram determinantes para originar grandes défices alimentares na

dieta das populações. A alimentação das crianças revelava deficiências graves, quer em quantidade quer em qualidade (Magalhães, 2009).

1.1. A divulgação da ideologia salazarista

Em relação aos manuais escolares, os conselhos escolares inicialmente optaram por utilizar os que tinham sido aprovados durante a República. O regime dos livros escolares gerou, posteriormente, grande polémica. Uns defendiam o livro único por permitir baixos custos na sua aquisição, uniformização na interpretação oficial dos programas e no modo de leccionar os conteúdos. Outros levantavam a questão da aprovação de livros estrangeiros. Sugeriam ainda a nomeação de uma comissão de “competentes reconhecidos” para elaboração dos livros e abertura de concurso para a sua apresentação e atribuição de um prémio aos autores dos escolhidos que ficariam propriedade do Estado.

A orientação geral da interpretação do passado define-se de acordo com o quadro de valores impostos. Cordeiro Ramos, na pasta da Instrução Pública antes do Governo de Salazar, faz publicar um decreto que explica que os livros escolares, além de ensinar, visam «formar espíritos» e a História de Portugal, além dos esclarecimentos gerais que ministra, visa «formar portugueses».

Maria Manuela Carvalho (2005:51) refere que de Março a Dezembro de 1932, publicam-se trechos e pensamentos no *Diário do Governo* para serem inseridos nos livros de leitura a adoptar em todos os graus de ensino e afixados nas paredes de salas de aula, corredores e pátios de todos os estabelecimentos de ensino e bibliotecas públicas. Estas mensagens “impregnavam” os alunos, exigindo um certo cuidado no modo como se expressavam.

Quanto ao conteúdo das frases destinado ao ensino primário reforçava-se o quadro de valores impostos pelo regime:

- **Obediência** (“Obedece e saberás mandar...”);
- **Disciplina** (“No barulho ninguém se entende, é por isso que na revolução ninguém se respeita”);
- **Conformismo** (“Não invejes os que te são superiores, porque estes têm responsabilidades que tu ignoras”);

- **Patriotismo** (“A tua Pátria é a mais linda de todas as Pátrias: merece todos os sacrifícios”);
- **Tradição** (“Eu não vivo no Portugal de hoje, vivo no Portugal de ontem para o Portugal de amanhã”, Sidónio Pais);
- **Família** (“Nunca ponhas o teu interesse acima da tua família, porque tu passas e a família fica”);
- **Trabalho** (“O trabalho é riqueza, é virtude, é vigor”, Castilho).

O Estado pode e deve definir a *verdade nacional*, ou seja, *a verdade que convém à Nação*. Os estudantes deviam aprender através dos manuais que Portugal é a “mais bela, a mais nobre e a mais valiosa de todas as pátrias, que os portugueses não podem ter outro sentimento que não seja Portugal acima de tudo” (Carvalho, 2005:53). Tudo o “que signifique esforço da Nação deve ser exaltado como bom e digno”, como o que foi feito em oito séculos para “fortalecer os factores fundamentais da vida social: a Família, a Fé, estímulo da expansão portuguesa por mares e continentes e elemento de unidade e solidariedade nacional, o Princípio de autoridade, a Firmeza do governo, o Respeito pela hierarquia, a Cultura literária e científica”. Todos estes factores devem ser objecto de “justificação e glorificação”. Devia ser “objecto de censura”, tudo o que era “elemento de dissolução nacional, de enfraquecimento de confiança no futuro; falta de gratidão com os esforços dos antepassados” (Carvalho, 2005:53).

2. A questão da educação

Salazar durante as entrevistas que manteve com Christine Garnier, a dado momento refere:

não me julgo mau professor. Gosto de ensinar. Tudo que diz respeito à instrução e à educação sempre me interessou. Sobretudo à educação. Desde muito novo que estou convencido da necessidade de se lhe atribuir um papel preponderante em toda a reforma social verdadeiramente digna desse nome (Garnier, 1952:105).

A jornalista francesa recorda igualmente conversas com o parlamentar Mário de Figueiredo e *leader* da Assembleia Nacional, acerca do seu amigo e condiscípulo após a saída do Seminário. Já nessa altura, Salazar se preocupava com a educação escolar e afirmava: “São as ideias que governam e dirigem os povos e somente os grandes homens possuem as grandes

ideias. Nós não temos grandes homens porque não sabemos formá-los com os nossos métodos actuais de educação” (Garnier, 1952:106).

O professor Serras e Silva também teve oportunidade de reflectir sobre a questão da educação com Christine Garnier, durante a sua estadia em Portugal. Em dada ocasião, afirma

que o problema da educação continuava difícil, que se no país existia, antes do aparecimento de Salazar, uma larga maioria de analfabetos – ainda hoje havia muitos. «Suportamos (...) o fardo de uma pesada herança. Lembre-se de todos os homens na força da idade que não querem perder tempo a ir à noite à escola. As nossas crianças ainda não adquiriram o hábito de trabalhar com os livros ou então são desviadas da escola pelas famílias. Os descontentes dizem que em Portugal os salários muito baixos obrigam os pais a mandar trabalhar os filhos quando ainda são pequenos, privando-os assim de toda a instrução» (Garnier, 1952:107).

Outros políticos reforçaram o que foi dito atrás, afirmando que “a educação, entre nós, foi sempre merecedora de pouco interesse e, no entanto, a educação comanda a política. Salazar não tomou em consideração este valor humano” (Garnier, 1959:108). Por outro lado, a jornalista teve oportunidade de interpelar Oliveira Salazar sobre “qual deveria ser o principal factor da educação em Portugal”, obtendo a seguinte resposta:

– A família, (...). Por felicidade, nós dispomos ainda em Portugal de um factor favorável embora insuficiente: a família conserva uma certa consistência ao lado da desagregação que por toda a parte se nota. (...) a educação é da competência e da alçada da família, a Constituição Portuguesa quis exprimir não só o pensamento de que o Estado não pode fazer obra educativa contrariamente ao espírito da família de que a criança proveio, mas o de que a educação deve fazer principalmente no seio familiar. A acção da escola seria neste caso, isto é, no caso de existência e competência educadora da família, meramente suplementar. O ponto está no reconhecimento dessa competência de que há muitas vezes motivo para duvidar (Garnier, 1952:110).

Quanto a uma outra questão apresentada por Garnier a Salazar, ”acha a religião um bom ponto de partida para a educação?”, surge assim a resposta:

– Quando falo de educação, refiro-me à formação do homem integral, ao seu corpo, à sua inteligência, à sua vontade. Trato do homem que vive e trabalha, do homem que pensa, do homem que age e convive com os seus semelhantes. A religião, a formação religiosa, têm aí o seu papel a desempenhar. Nós, porém, não devemos exigir à religião

uma tarefa que excede a sua esfera de acção, nem responsabilidades que não podem pertencer-lhe. A necessidade de infinito, natural na criatura humana, deve ser satisfeita pela religião: a fé preencherá um vácuo da alma. Ela traz igualmente a força da vida interior, o apoio do sobrenatural à vontade que vacila. E isto sem contar o benefício da fé, considerando apenas as coisas no plano natural e humano. A religião projecta a luz do além no espírito que hesita diante dos problemas transcendentais da vida e da morte e, por nos ensinar uma regra destinada a ser vivida, consegue ainda dar-nos, como uma segunda natureza, o hábito da acção conforme a moral. Todavia, não lhe devemos pedir, – como agora se trata de fazer, na angústia espiritual que o mundo atravessa, – mais do que espírito de caridade e de justiça. Não exijamos à religião normas completas, soluções concretas para o governo do mundo, direcção dos povos e formação dos homens! (Garnier, 1952:112).

Para Salazar, a educação corresponde a “uma obra humana que pode ser poderosamente ajudada pela fé mas que (...) não é nem pode ser exclusivamente religiosa” (Garnier, 1952:112).

3. Pentalogia versus trilogia

Para evitar divisão e resistência, o Estado Novo reduziu a pentalogia Deus-Pátria-Autoridade-Família-Trabalho à trilogia Deus-Pátria-Família.

Os historiadores que têm estudado o tema não sabem ao certo onde Salazar baseou a trilogia do Estado Novo, se foi influenciado pela tríade da Revolução Francesa, ou pela divisa do regime de Vichy «Travail-Famille-Patrie» (em que Vichy prescindia de «Deus» substituindo-o por «trabalho»), ou pelos adeptos de Carlos de Bourbon defensores da causa antiliberal espanhola ao longo das várias guerras no País Basco, na Navarra e na Catalunha que utilizaram «Dios, Pátria e Rey». Poderá também ter sido influenciado, a nível nacional, pela divisa de Teixeira de Pascoaes, no seu livro de 1915, *Arte de ser português*, onde defendia a existência duma «verdade portuguesa» e cunhava a trilogia «Deus, Pátria e Família» (Medina, 2004:178). No entanto, a sugestão desta sua fórmula de 1936-1938 pode ter sido influenciada por mero acaso através de leituras feitas e, ao mesmo tempo, tenha sido recolhida alguma sugestão de pensamento, como o de Teixeira de Pascoaes ou de Afonso Pena. Porém, o pensamento saudosista de Pascoaes só por mero acaso se cruzaria com o nacionalismo conservador de Salazar.

Na trilogia salazarista, *Deus* é o supremo Ser Espiritual que deveria ser adorado por todos. Este chefe supremo, segundo esta ideologia, velaria pela tranquilidade universal e pelo bom andamento da sociedade portuguesa. A Pátria, quer dizer “a Nação na sua integridade territorial e moral na sua plena independência, na sua vocação histórica”(Discursos,II, 1945:131). A Família é o lugar de transmissão dos valores morais da tradição:”queremos pelo contrário que a família e a escola imprimam nas almas em formação, de modo que não mais se apaguem, aqueles altos e nobres sentimentos que distinguem a nossa civilização (...)” (Discursos, II, 1945:309).

CAPÍTULO III

Estratégia salazarista:
difusão limitada e coerente de valores absolutos

Oliveira Marques refere que Salazar, simpatizante da Monarquia, foi ganhando prestígio com o sucesso da sua política financeira transformando-o em «salvador» da Nação após a previsão de um saldo positivo para o Orçamento de 1928-29 que conseguiu ser efectivado, sendo o primeiro êxito financeiro dos quinze anos precedentes. Era apoiado por forças poderosas: a banca e o capital, a Igreja, a maioria do Exército, os intelectuais das direitas e a maioria dos monárquicos convencidos que Salazar acabaria por devolver-lhes o seu rei (1996:626-627).

A nova *Constituição da República portuguesa* foi aprovada por grande maioria, em 1933, contando com as próprias abstenções. Seguiram-se uma série de medidas de organização do regime do Estado Novo (Marques, 1996:628):

- Proibição dos partidos políticos, de sociedades secretas e de associações sindicais;
- Criação, em 1934, do partido único, a União Nacional;
- Criação, em 1936, da Legião Portuguesa (corpo de voluntários para a defesa do regime) e da Mocidade Portuguesa (organismo paramilitar obrigatório português entre os jovens).

O regime do Estado Novo foi conseguindo boas relações com potências estrangeiras, e com astúcia procurou desviar-se dos obstáculos imprevistos. Devido às afinidades ideológicas com determinados países consolidaram-se relações com a Itália fascista, a Espanha de Franco e a Alemanha nazi. Portugal conseguiu também libertar-se da excessiva pressão inglesa, reforçando laços com outras nações e passando a depender, mais estreitamente, do património colonial. Portugal declarou-se neutral durante a segunda Grande Guerra e Salazar, através de hábil estratégia diplomática, e situações imprevistas como o ataque de Mussolini à Grécia e a recusa de Franco em ajudar a Alemanha, fez com que esta deixasse o projecto de invasão à Península Ibérica em paz (Marques, 1996:630).

As condições internacionais resultantes da Guerra de 1939-1945 ajudaram definitivamente Portugal a sair da órbita britânica, permitindo agir mais independentemente. Oliveira Salazar considerava-se o guia da Nação, interferindo em todos os aspectos da vida nacional, estendendo o seu poder em programas de celebrações e festividades.

Esta questão da participação, ou não, de Portugal nas duas Guerras mundiais, vem, por exemplo, tratada num texto publicado num dos números do suplemento infantil *Pim-Pam-*

Pum. O seu autor, Manuel Ferreira, relata que, durante uma visita ao Mosteiro da Batalha e quando os alunos chegavam à Sala do Capítulo, um dos pequenos (o Chico) a dado momento perguntou ao seu professor como Portugal tinha entrado na guerra. Foi o Guia que os acompanhava nessa visita (de nome Gabriel) sempre com resposta pronta, quem satisfaz a curiosidade. Disse ele, dirigindo-se a todo o grupo: “Vou fazer-lhes, muito resumidamente, a história da nossa participação no grande conflito de 1914-1918, a que hoje já chamam a *primeira Grande Guerra*”.

E o Chico questiona admirado: “A primeira? Porquê?”. Então, o Guia esclarece da seguinte forma:

- Para a distinguir da última guerra que durou de 1939 a 1945 e em que, felizmente Portugal não tomou parte. O que não evitou que uma das suas províncias ultramarinas a mais distante – Timor – fosse completamente devastada por um dos beligerantes⁴.

No final do período de 1945 a 1958, surge outra crise política do regime, devido à incapacidade de remodelação de um país essencialmente agrícola e isolado do progresso, com um grande número de analfabetos. A Oposição em 1949 atinge o seu ponto máximo numa frente unida contra o Estado Novo. Devido a questões internas e rivalidades, só o Partido Comunista, mais organizado e disciplinado, foi marcando a sua posição, embora mais isoladamente, o que era aproveitado pela propaganda governamental. A ditadura não permitia dissidências no próprio regime. Intensifica-se a política de obras públicas, fomenta-se a industrialização e procura-se elevar os salários. A estabilidade aumenta a nível governamental mas a repressão intensifica-se.

Em 1958, no seio da União Nacional, a ala mais liberal pretende modificações ou reformas nos métodos administrativos, nas opções governativas do País, Ultramar e estrangeiro e em relação à Oposição. No entanto, Salazar vai conseguindo travar os obstáculos.

Várias revoltas vão surgindo quer na Metrópole (exemplo, a revolta estudantil de 1962), quer no Ultramar (revoltas africanas em Angola-1961, na Guiné-1963, em Moçambique-1964). O problema colonial ajudou a isolar Portugal dos outros Estados e do seio das Nações Unidas, organização a que aderira em 1955. Mas a política do regime conseguiu levar a melhor

⁴ Ferreira, Manuel, “Lições de Gabriel”. *Pim-Pam-Pum*, 1954, (1445), p. 1-4.

através de compensações do tipo económico ou militar e maior atenção do Estado em relação ao Ultramar.

A ruralidade era uma das características da sociedade portuguesa absorvendo, em 1940, 51% da população activa que, em 1950, decrescia ligeiramente para 48%, verificando-se um excesso de mão-de-obra para as capacidades existentes e um sobrepovoamento rural. Por esse facto, havia um estado de pobreza elevado das populações que, sazonalmente, procuravam emprego noutros locais do País, surgindo migrações de trabalhadores quase mendicantes para o Alentejo, Espanha ou outros locais (Luís, 2000:104).

1. O Estado Novo: sistema autoritário, organicista e conservador

Os primeiros decénios do regime do Estado Novo forçaram a manter Portugal como uma nação rural, humilde e pobre, sem electricidade, sem revolução industrial, onde se incutia a ideia de que Deus velava pela tranquilidade universal e pelo bom andamento da sociedade portuguesa. O Presidente do Conselho seria o natural delegado terreno e cada chefe de família o seu natural representante na célula base da sociedade, a Família (Medina, 1995:17).

Foi Martins Barata, discípulo de Roque Gameiro, ilustrador, aguarelista e cartazista, quem vai ilustrar plasticamente a mentalidade do regime, “arreigadamente paternalista, cristão, (...) tradicionalista ou arcaizante por ser anti-industrial, se podia perpetuar uma Nação rural tal como a Ditadura a imaginava, a queria formar, a forçava a ser...” (Medina, 1995:17).

O conceito de nacionalismo surgia mais moderado, menos radical e efusivo do que os modelos estrangeiros em voga, o italiano e o alemão, e distanciava-se da corrente «extremista», militarista ou fascista. Salazar insurgiu-se sempre contra os regimes totalitários, criticando tanto o fascismo italiano como o nazismo alemão. Pretendia distinguir claramente entre autoritarismo e totalitarismo. O historiador João Medina aborda a questão do autoritarismo e do totalitarismo focando um estudo politológico de Juan Linz, tendo por base reflexões anteriores de Friedrich, Arendt, ou Aron, dando como exemplos de regimes autoritários, os de Franco, de Salazar, do austríaco Dollfuss ou de Vichy e de totalitarismo, os da Rússia e da Alemanha. Destaca características essenciais do regime totalitário como a

ausência de sentido ético e de respeito por quaisquer tábuas de valores, assinalando o seguinte:

O totalitarismo implica um sistema em que o domínio é total sobre a população, não limitado pela lei nem por códigos recebidos ou até por limites das funções governamentais (como sucede na tirania clássica), mas tão-só pela necessidade de manter largos números de pessoas num estado de constante actividade, controlados pela elite dirigente. O que implica uma ideologia oficial, um partido único de massas dedicado à observância de uma obediência ideológica sem falha, o controlo completo dos meios de comunicação social, o controlo total das Forças Armadas e um sistema de controlo policial pelo terror visando toda a população em geral. (...) O sistema totalitário supõe também uma dualidade básica entre o poder aparente (o Estado) e o poder real (o Partido, a clique dirigente que controla o aparelho da polícia secreta) (Medina, 2004:321-322).

Medina apresenta o pensamento de Linz para caracterizar assim o sistema autoritário:

Os regimes autoritários são sistemas políticos com pluralismo político limitado, sem uma elaborada ideologia condutora (mas com mentalidades distintas), sem mobilização política intensiva e extensa (excepto em certos momentos do seu desenvolvimento), e nos quais um chefe (ou ocasionalmente um pequeno grupo) exerce o poder dentro de certos limites mal definidos mas na verdade previsíveis (Medina, 2004:326).

2. Projecção espiritual de Oliveira Salazar

A jornalista francesa Christine Garnier, na sua obra *Férias com Salazar*, refere que este, ao falar do seu povo e da sua Nação, salienta a dado momento:

A experiência ensina-nos (...) que uma actividade económica mais intensa, os progressos técnicos, as mais profundas reformas sociais deixam intactas as qualidades do nosso povo se, por meio de cuidados atentos, nós sabemos manter os corações puros e os pensamentos sãos. Por isso, nós colocamos o espírito acima de tudo (1952: 221).

Segundo Garnier, será talvez “o espírito (...) a palavra que melhor define a política de Salazar. Para ele, seja em que campo for, tudo é projecção espiritual”. Salazar continua a expor a sua linha de pensamento afirmando que uma parte do seu programa de Governo corresponde à necessidade do país se actualizar, uma vez que, por muitas causas e em certos

domínios, deixou-se lamentavelmente atrasar. E, no seguimento de «sempre mais e melhor», Salazar acrescenta:

uma vez dado o impulso, uma vez adquiridas as condições políticas do trabalho, a (...) obra segue o seu caminho sem que se note arrefecimento de entusiasmo, qualquer alteração ou a menor interrupção nos nossos planos. O impulso passou do Estado para as autarquias locais, administrações autónomas, províncias do Ultramar e atingiu os particulares. Deste modo, pouco a pouco, o país renova-se e melhora as condições de vida do povo (...) as ditaduras – como a muitos apraz considerar o regime português – se caracterizam pelo acervo de obras que se realizam. Há aqui uma crítica pouco feliz. Eu pergunto se ela não constitui uma espécie de desculpa para aqueles que, noutros regimes, se revelam incapazes de construir (Garnier, 1952: 222).

A jornalista, antes de regressar a França, solicita ao Presidente do Conselho o balanço moral dos seus vinte e três anos de poder e que fale do «seu» Portugal. Salazar responde que não lhe compete fazê-lo e seria presunçoso da sua parte se lho apresentasse. No entanto, perante a insistência da pergunta, Salazar esclarece:

Para apreciá-lo há que partir dos seguintes dados: a nossa nação tem a cabeça na Europa e os membros dispersos pelo vasto mundo. É um país pobre cuja economia sofre inevitáveis dependências e pesadas e várias servidões. O seu passado esplendoroso e heróico contrasta com a modéstia da vida que nele se leva e com os recursos materiais do país. Esse passado pesa nos espíritos e torna por vezes difícil a adaptação às tarefas de hoje. O povo português é trabalhador e, em geral, paciente mas corre o perigo de se deixar induzir facilmente pelos que, sem nenhuma preocupação intelectual ou moral, sabem falar-lhe ao coração. É também vincadamente individualista, mais capaz de actos pessoais de heroísmo do que de esforço regular em obras colectivas. Acrescente que o seu coração é generoso, a sua inteligência muito rápida, a sua faculdade de adaptação surpreendente, mas o seu espírito pouco inclinado à objectividade. Tal é o povo. A elite é reduzida e caracteriza-se por um espírito crítico sistemático: dir-se-ia que lhe importa marcar a cada momento a sua independência e a sua personalidade. Quanto às tendências sociais, essas continuam paternalistas na família e no Estado (Garnier, 1952:225-226).

Após duas décadas de crescimento económico e de discursos «moralizadores» propagandeados pelo regime, Salazar procura a renovação moral da Nação. Divulga os principais valores recorrendo a vários meios, conduzindo estratégias terapêuticas de mitos e valores. Procurar a desmontagem desse sistema através da projecção dos valores dominantes será um dos objectivos desta dissertação.

Faremos, para isso, um levantamento desses valores através da análise do suplemento infantil de *O Século*, e, a partir desse estudo, demonstraremos posteriormente a preocupação exercida pelo regime na divulgação desses valores.

Num dos números do suplemento infantil *Pim-Pam-Pum*, publicado em 1954, uma autora que se apresenta sob o pseudónimo de “uma Maria de Portugal”, apresenta um conto intitulado *Os doze bagos de Romã*. Está escrito numa linguagem enternecedora, despertando a atenção da criança, procurando simplesmente moldar o seu comportamento. A autora inicia a narrativa identificando o dia em que se vai desenrolar o conto – o Dia de Reis – e as suas duas personagens principais, a avozinha e a neta Clarita. Aquela conta à menina a história dos Reis Magos, e oferece-lhe uma grossa fatia de bolo e um pratinho com doze bagos de romã salpicados de açúcar, recomendando-lhe que os guarde até ao ano seguinte. Explica que quem guardar a «coroa» da romã e doze bagos, terá fortuna e sorte, um ano inteiro... Para cumprimento desta recomendação, Clarita correu a procurar, entre as cascas do fruto, a coroa de pontas esguias, elegante como uma flor, guardou-a no seu mealheiro e adormeceu. Sonhando, assistiu ao imaginário maravilhoso. Do seu baú surgiram dois anões vestidos de vermelho transportando a coroa da romã para cima da mesa. Das algibeiras dos anões surgiram caixas... caixinhas... cartuchos... a abarrotarem de pós, cheios de virtudes, lançando, com muitos salamaleques, no meio das pétalas os mais variados condões. E os anões foram enumerando tantas virtudes como os meses do ano – doze virtudes – para que a Clarita tivesse sorte, e fortuna, um ano inteiro:

- «Eu te dou o poder de dar «saúde» a quem te possua» (...); - «E eu, o de a tornares *caridosa!*» (...); - «E eu ...*leal!*» (...); - «Eu...*justa!*»;
- «Eu...*bela!*»; - «*Boa!*»; - «*Alegre!*»; - «*Habilidosa!*»; - «*Prudente!*»;
- «*Modesta!*»; «*Diligente!*»; - «*Pura!*» - disse, por fim o décimo segundo.

Clarita acordou e foi abrir sem ruído o baú para verificar se estavam lá os anões de balandraus vermelhos:

Desilusão! Viu, apenas, doze baguinhos vermelhos, murchos, mirrados, caídos em volta da coroa seca. Nada mais.
Fôra sonho, tudo sonho!
Que pena!⁵.

⁵ *Pim-Pam-Pum*, 1954, (1451), p. 2.

Se, neste conto, surgem as figuras femininas representando a sabedoria (a avozinha) e a ingenuidade (a neta), Maria Alice Guimarães faz referência a uma outra trilogia “mãe, esposa e dona-de-casa” que o regime tanto enaltecia. A mulher era uma figura dependente e submissa aos valores educacionais e culturais: “poupada, recatada, comedida nos gestos e decoração da casa” (2008: 139).

No entanto, várias vozes femininas, que estavam ligadas à corrente do feminismo reformista, discordavam da mensagem oficial a passar quanto à missão da mulher: Branca Gonta Colaço, Emília de Sousa Costa ou Sara Beirão. Para Graciete Branco, a mulher é a “escultora das almas dos filhos”. A “cultura da alegria” aliada à noção de justiça deve ser inculcada no espírito da criança. Não deve aludir a tempestades, desgraças e miséria, atendendo que “o pessimismo ou a desesperança são os companheiros nocivos dos espíritos fracos”. Deve permitir que as crianças entrem na vida com o “pé direito” evitando que tenham brinquedos mutilados e os castigos serem mais associados às “palavras do que às acções”. A mulher como receptor privilegiado para as coisas do espírito deve ser o mensageiro da prática da caridade e da harmonia do lar (Guimarães, 2008:141-142).

3. Processo doutrinário: principais valores salazaristas

António Reis refere que Salazar fez assentar a sua teoria e a sua acção política em cinco valores e princípios com os quais procurou impregnar o quotidiano mental do País a mais de uma geração de portugueses. São eles: *Deus, Pátria, Autoridade, Família e Trabalho* (Reis, 1990:333).

Nesta significativa pentalogia, o centro é ocupado pela autoridade. É o valor salazarista de maior destaque, sendo apresentada como uma das condições indispensáveis para alcançar as metas definidas no âmbito do campo financeiro. Mas, o conceito de autoridade impôs um conjunto de valores de apoio à sua implementação, originando um alargamento no esquema de valores (Mineiro, 2007:224).

A implantação de uma nova tábua de valores, tinha como objectivo dar novo rumo ao destino da Nação, inculcando optimismo, coragem, alegria e fé.

Aliado ao nacionalismo devia haver uma autoridade, não no sentido declarado e num autoritarismo férreo mas do tipo «paternal» pelo facto, por exemplo, do povo português ser «dócil e de pronta obediência», de «brandos costumes», mas necessitando de uma orientação através da implementação dos valores.

A autoridade surge como a verdadeira essência do poder político e prevalece sobre a liberdade, uma vez que esta não permite a estabilidade essencial num governo eficaz, a paz, a ordem, a confiança e o crédito. Tudo se direcciona para o princípio da autoridade e para o valor da ordem – condições básicas de eficácia operacional do Estado. A autoridade é aceite como “um facto e uma necessidade”, “um direito e um dever”, “um alto dom da Providência” (Reis, 1990:336).

Outras formas de irradiar o princípio da autoridade são: Deus, no plano ético; a Pátria no plano histórico; a Família no plano ético-social; o Trabalho no plano ético-económico (Reis, 1990:335).

O progresso material deve ser subordinado ao valor do trabalho de modo a evitar que este seja abolido e provoque revoltas ou pretensão dos povos viverem de riquezas acumuladas contaminados pelo pecado do materialismo. A autoridade e o trabalho, susceptíveis de vincularem divisão e resistência, irão manter-se ocultos. São valores que implicam a ostracização da Liberdade e o recuo do Progresso e da Igualdade.

O grande objectivo da revolução mental e moral para a salvação dos males do País, era formar mentalidades prontas a obedecer e servir com espírito de disciplina e de sacrifício, em atitude de conservação e resignação e perante um trabalho que apenas proporcionasse o suficiente para a satisfação das necessidades básicas.

As ideologias produtivistas tanto de inspiração liberal como socialistas são rejeitadas no regime de Salazar. A tradição ofusca a modernidade.

O poder político deve respeitar a consciência dos crentes, na base do princípio da separação da Igreja e do Estado (Salazar, 1945:131). Estão ligados a Deus, os valores da Família e da

Pátria. Representam uma hierarquia espiritual e divina que a Nação não deveria destruir. Traduzem formas de vida superiores, conducentes a sacrifício, amor, empenho e trabalho.

O lema por excelência do salazarismo passa a ser «na Ordem, pelo Trabalho em prol de Portugal». Opta-se pela tradição autoritária que tudo subordina ao valor da ordem, antepondo o trabalho ao bem-estar (Salazar, 1945:43). Para comemorar o décimo aniversário da revolução de 28 de Maio de 1926, Salazar procede a uma sùmula axiológica do regime em cuja análise se compreende bem o lugar de cada um desses valores proclamados:

Às almas dilaceradas pela dúvida e o negativismo do século, procurámos restituir o conforto das grandes certezas. Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua História; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu dever (Salazar, 1945:130).

Deus é o Absoluto ético. (...) Deus é encarado como um valor que permite a demarcação do salazarismo em relação ao Estado totalitário – que se autodeifica –, limitando moralmente o poder político (Reis, 1990:335).

A Pátria é considerada a “Nação na sua integridade territorial e moral, na sua plena independência, na sua vocação histórica” (Salazar, 1945:131). Com ela, estabelecemos uma relação idêntica à do filho com a mãe, e esse amor maternal deve levar “até ao sacrifício, o desejo de bem servir, a vontade de obedecer – única escola para aprender a mandar –, a necessidade viva da disciplina, da ordem, da justiça, do trabalho honesto” (Reis, 1990:336).

O trabalho, como «Direito» e «Obrigação» facultará o essencial para a satisfação das necessidades básicas. Pela disciplina que implica, deverá ser um antídoto contra o tédio e o vício. O progresso material poderá entrar em conflito com o valor do trabalho, provocando desvios dos valores morais, levando os homens a não compreenderem a benéfica disciplina do trabalho, revoltarem-se contra ela e pretenderem viver das riquezas acumuladas, levando à ociosidade e à preguiça.

Foi implementada uma rede eficaz de aparelhos reprodutores da ideologia do regime salazarista de modo a permitir estreita ligação com as camadas populares, nomeadamente os organismos corporativos primários – Casas do Povo (criadas pelo Decreto-Lei nº 23051, de

23 de Setembro de 1933 e Casas dos Pescadores (instituídas pela Lei nº 1953, de 11 de Março de 1937) – bem como centros de recreio popular ligados à FNAT (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho), através dos quais se procurou incrementar práticas desportivas, espectáculos recreativos e culturais, incentivando a leitura com a organização de bibliotecas.

No nosso entender, será necessário desmontar os principais valores salazaristas para se compreender o lugar e a função de cada um no conjunto ideológico, considerados princípios absolutos, sem direito a discussão, factor marcante da postura dogmática e autoritária do regime. A análise do suplemento infantil de *O Século* foi o instrumento por nós escolhido para a dissertação.

“A família, as freguesias, os municípios, as corporações onde se encontram todos os cidadãos [...] são organismos componentes da Nação” (Reis, 1990:336). A Família irá, pois, merecer uma atenção especial, pois é essencialmente através dela que os valores impostos pelo regime serão transmitidos.

3.1. A Família: lugar privilegiado para o processo difusor de valores

A família assim como a escola constituem os lugares privilegiados de transmissão dos valores morais da tradição: a autoridade do pai e o respeito pelos filhos, a honra e o pudor da mulher (a evitar o trabalho da mulher fora do lar), o amor à Pátria. São o meio por excelência do equilíbrio social, um instrumento privilegiado da ordem e da autoridade. A família é a garantia da moral, consistência e coesão do todo social (Reis, 1990:336).

O agregado familiar é a origem necessária da vida, fonte de riquezas morais, estímulo dos esforços do homem na luta pelo pão de cada dia. – “Não discutimos a Família”, afirma Salazar (1945:134).

É no seio familiar “que deve tomar lugar o processo terapêutico que leva ao «bom caminho» as novas gerações e os indivíduos «desviados»”. Deve ser dado relevo “ao que se passa nos meios sociais «promíscuos» que abundam em particular na cidade” onde deve ser ministrada “uma pedagogia de «formação das almas» “ (Reis, 1990:355).

O discurso moralizador para os jovens diferencia-se conforme o género. As intervenções de difusão ideológica do regime actuam de forma desigual conforme o estrato social e o género. Aos indivíduos menos zelosos e não cumpridores dos seus deveres de cristão aplica-se o discurso «punitivo», onde são descritas as sanções legais e morais.

Para combater os desafios constantes do mundo moderno, o regime salazarista apresenta como solução o recurso ao ideal cristão. Condena e reprime procedimentos considerados imorais, nomeadamente, os beijos em público dos namorados, a frequência de cinemas e teatros nos meios urbanos, o trabalho da mulher fora de casa. Para salvaguardar costumes tradicionais no âmbito das práticas afectivas e na defesa paradigmática de um modelo de família tradicional, são aplicadas medidas de prevenção contra o trabalho feminino fora de casa, a emancipação da mulher e «desmoralização de costumes»: prostituição, alcoolismo, divórcio (Baptista, 1990:359-360).

A acção moralizadora do regime teve por base um suporte legislativo que até ao final dos anos 40 reconfigurou a situação legal da família:

- *Constituição* de 1933 (estabelece princípios ordenadores das relações familiares);
- *Organização Nacional da Defesa da Família* (Decreto-Lei nº 25 936, de 17 de Outubro de 1935);
- *Concordata* entre Portugal e a Santa Sé, regulada pelo Decreto-Lei nº 30615, de 25 de Julho de 1940.

Para a defesa da instituição familiar enquanto «instituição moral perpetuadora da tradição», são simultaneamente promulgadas formas legislativas e enquadramentos legais. Fica suspensa a possibilidade de divórcio para os casamentos celebrados religiosamente.

A vontade de garantir formas de enquadramento legal que permitissem à governação o controlo dos processos de socialização familiar, origina iniciativas legais, como por exemplo: A Obra das Mães pela Educação Nacional, a Assistência Social da Legião Portuguesa, o desenvolvimento das Jornadas das Mães de Família e o Instituto Maternal da Subsecretaria da Assistência Social (Baptista, 1990:360).

CAPÍTULO IV

Influência ideológica do regime salazarista, reflectida no suplemento infantil *Pim-Pam-Pum*

1. Função da Imprensa no Estado Novo

A imprensa era considerada no regime de Salazar uma arma poderosa pelo facto de poder ser utilizada não só pelo próprio regime como também pela oposição contra o Estado.

A censura prévia já vigorava desde o início da Ditadura Militar, em 1926. Com o regime do Estado Novo, a partir de Julho de 1932, a censura continua como autorização prévia para a publicação da imprensa periódica e diária, de folhas soltas, folhetos, livros ou escritos de outra natureza nomeadamente, cartazes e circulares e, ao mesmo tempo, funciona como meio de repressão intelectual. Aperfeiçoa-se através da entrada em vigor, em simultâneo e no mesmo dia, de dois diplomas: a promulgação da *Constituição* de 1933 e a emissão do Decreto-Lei n.º 22 469, de 11 de Abril de 1933 (que vigorou até 1972).

Os censores assinalavam os cortes com “lápiz azul” o que resultava numa antecipada auto-censura, numa inibição de escrita por auto-reprovação e receio. Os cabeçalhos dos jornais passam a conter um timbre com a inscrição: «visado pela Comissão de Censura».

Face a estes condicionalismos repressivos, assiste-se a uma descida progressiva quanto ao número de leitores de periódicos, sobretudo na Província, de 1926 a 1963 e, mais acentuadamente, entre 1944 e 1963, conforme nos mostra o quadro que se segue.

Quadro 1 - Número de periódicos adquiridos por leitores portugueses na Província

1926	1933	1944	1963
200	170	80	17

Fonte: Pizarroso Quintero, 1996

A censura do Estado Novo fiscalizava todos os tipos de escritos, invadindo até a privacidade de cartas confidenciais, como aconteceu com o jornalista afecto ao regime, João Amaral do *Diário de Notícias*, que decidiu enviar a 21 de Dezembro de 1938 uma carta de indignação a Salazar, manifestando a impossibilidade de trabalhar com tais «condições humilhantes». Houve jornais que foram bastante atingidos pela censura prévia como *O Mundo*, *O Rebate* e *A Batalha*, que acabaram por desaparecer. A imprensa regional que não se encontrava afectada ao Estado Novo, perdeu muitos títulos devido à censura.

Os jornais diários mais difundidos nas primeiras décadas do regime de Oliveira Salazar foram os matutinos de Lisboa *Diário de Notícias* e *O Século* que, embora se definissem como independentes, respeitavam, de um modo geral, as instruções do regime. No Porto, o *Primeiro de Janeiro*, o *Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias* ofereciam uma informação mais independente.

O matutino *Novidades* era oficialmente propriedade da Igreja. A partir de 1937 a Igreja editou a revista de cultura «para o clero» *Lumen*. No âmbito mais popular e fiel à ideologia do Estado Novo existia *A Voz*, sendo seu director, Fernando de Sousa, mais conhecido por «Nemo», mais tarde, substituído por Pedro Correia Marques.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a censura fica completamente institucionalizada, simplificando a vigilância e o exame das publicações dos organismos competentes, em colaboração estreita com a própria auto-censura dos jornalistas.

2. O jornal O Século: seu funcionamento

O jornal *O Século* quando, em 1880, surgiu era porta-voz republicano. Mas, com a queda da 1.^a República, progressivamente foi-se comprometendo com o regime do Estado Novo.

Além de *O Século*, as publicações editadas pela ex-Sociedade Nacional de Tipografia, adquiriram notoriedade assinalável, como foi o caso, por exemplo, das revistas *O Século Ilustrado* (1938-1977), *Vida Mundial* (1939-1977), *Modas e Bordados* (1912-1977) e, para os públicos jovens, *Jacto* (1971-1973) e *Joaninha* (1936-1974). São publicações que constituíram as primeiras iniciativas do género de âmbito nacional (Serrão, 2002: 212-213). Destaca-se ainda o suplemento infantil do jornal *O Século*, intitulado *Pim-Pam-Pum*, objecto do nosso estudo.

Predominou essencialmente no público da província, procurando introduzir novos hábitos de leitura na população que apresentava na época um baixo índice cultural e de alfabetização.

O jornal *O Século* funcionou em quatro séries, conforme o Quadro 2 que se segue.

Quadro 2 – Períodos de funcionamento de *O Século* e respectivas séries

	De 4-01-1881 a 12-02-1978	De 22-04-1986 a 6-12-1987	De 7-12-1987 a 10-11-1988	De 17-11-1988 a 21-06-1989
I SÉRIE				
II SÉRIE				
III SÉRIE				
IV SÉRIE				

É precisamente com o seu centenário, que *O Século*, em 1975, sofreu a intervenção do Estado e, no ano seguinte, será nacionalizado. É fundido com o *Diário Popular*, passando a designar-se “Empresa Pública Século Popular” conforme o Decreto-Lei n.º 639/76, de 9 de Julho, mas, na prática, irão permanecer separados. O jornal desapareceu a 12 de Fevereiro de 1978 mas só foi extinto definitivamente por despacho publicado em *Diário da República* no dia 11 de Janeiro de 2007 e datado de Novembro de 2006.

3. Os suplementos infantis

João Pedro Ferro na sua análise à história da banda desenhada infantil portuguesa, faz referência aos suplementos infantis (1987:150). Entende por «suplemento infantil» toda a secção dedicada às crianças, publicada periodicamente num jornal ou revista de carácter não infantil. Este tipo de publicações teve um papel muito importante no panorama das publicações para crianças e banda desenhada.

Aquele mesmo autor destaca ainda a importância do *Pim-Pam-Pum* como ponto de referência para suplementos de outros jornais:

A partir dos anos vinte tornou-se habitual que grande parte dos jornais, e quase todos os jornais importantes, apresentassem um suplemento infantil. Assim, surgiram sucessivos suplementos, quase todos seguindo os moldes e o exemplo do «Pim-Pam-Pum», suplemento infantil do diário *O Século*, aparecido em 1925 e cujo último número foi publicado em Fevereiro de 1977. Deste suplemento saíram apenas 2554 números, durante 52 anos! Foi esta a mais longa publicação para crianças, superando em longevidade os mais populares periódicos infantis e juvenis. Pela sua direcção passaram nomes grandes do mundo dos pequeninos, como Augusto de Santa-

Rita (pseud. Papim), Eduardo Malta (pseud. Papusse) e Luís Ferreira (pseud. Tio Luís) (Ferro, 1987:150).

Os suplementos como o *Pim-Pam-Pum* foram importantes em determinadas épocas quando não existiam revistas ou jornais para crianças. O *Pim-Pam-Pum* por “várias vezes foi a única – ou das poucas – publicações infantis de relevo” em Lisboa (Ferro, 1987:151). Os seus números eram constituídos essencialmente por contos e histórias, mostrando-se muito ilustrados, com grande profusão de banda desenhada mas de qualidade inferior à das revistas infantis. Os suplementos infantis tinham vantagens mas também desvantagens. Pode-se considerar como factores vantajosos: tornar-se económico para os leitores, por saírem e serem impressos com o próprio jornal diário; ocuparem uma a duas folhas; serem de periodicidade semanal ou quinzenal; permitirem o aparecimento de novos artistas, que aperfeiçoavam as suas técnicas.

A grande desvantagem destes suplementos pode-se considerar o número reduzido de páginas, não abarcando tantas histórias e ilustrações como as revistas para crianças, a impressão ser de má qualidade, em papel de jornal, a preto e branco ou a uma cor, o que os desfavorecia perante as publicações infantis (Ferro, 1987:151-152).

4. Influência ideológica do regime reflectida no suplemento infantil *Pim-Pam-Pum*

Os antecessores dos jornais e revistas foram os antigos almanaques que eram vendidos de porta a porta e continham uma parte dedicada às crianças, com mais gravuras (Pires, 1981: 135). Esta «secção infantil» veio originar a folha infantil que muitos dos jornais há bem pouco tempo ainda publicavam. Havia então páginas e suplementos infantis nos *Diário de Notícias*, *O Século*, *República*, *O Comércio do Porto* e *A Voz*, entre outros. Natércia Rocha assinala que a fase ascendente deste género de imprensa atinge o ponto máximo por volta dos anos de 1930 e a partir daí vai declinando a sua força culminando nos anos de 1980 (2001: 60).

Muitos escritores passaram a escrever nesses suplementos especializados, de que destacamos, entre outros, para além do *Pim-Pam-Pum*, os *Abczinho*, *O Senhor Doutor*, *Tic-Tac*, *Papagaio* e *Diabrete* (Sá, 1981: 821).

Ferro (1987:153) faz notar que nunca, ou muito excepcionalmente, os artistas plásticos responsáveis pelas bandas desenhadas inseridas nos suplementos infantis eram os autores do

respectivo argumento. Em geral, o argumento ficava a cargo do director literário da revista ou, de um escritor que nela colaborava.

No suplemento infantil de *O Século*, intitulado, como já referimos, *Pim-Pam-Pum*, além de Graciette Branco, autora dos *Bebés de bibe e babette*, encontramos também António Sérgio que escreveu a sua *História do lobo e dos cabritinhos* (Pires, 1981: 135).

O n.º 1 do suplemento infantil do jornal *O Século* foi publicado a 1 de Dezembro de 1925. Dirigiam o *Pim-Pam-Pum*, Augusto de Santa Rita, director literário e Eduardo Malta, director artístico. A sua publicação esteve dependente das séries do jornal onde se inseria e, por isso, a dado momento, não houve regularidade nas publicações (Barreto, 2002: 413-414).

O último suplemento infantil do *Pim-Pam-Pum* foi a 12 de Fevereiro de 1978, com o n.º 2555 e incompletamente publicado, com apenas as páginas 1 e 4. Tinha edição semanal em 8 páginas. Mas, houve muitos erros de numeração e as datas do *Pim-Pam-Pum* nem sempre coincidem com as de *O Século*, que o publicava.

Mas porquê este título? *Pim-Pam-Pum* corresponde aos nomes de três inseparáveis amigos, dois rapazes irmãos (Pim e Pam) e uma rapariga, sua prima (a Pum). Foram criados pela dupla que assinava *Papim, Pápusse & C.ª* que eram os pseudónimos criados por Augusto de Santa Rita e Eduardo Malta, nas suas intervenções para o público infantil.

Pim-Pam-Pum são três heróis de histórias aos quadradinhos bem portuguesas, que andam sempre em tropelias, cada uma pior que a outra – Pim! Pam! Pum!. Essas “peripécias em histórias” encontram-se, por exemplo, em *Um peru aviador*, *Os figos do figueiral* (1926), entre muitas outras publicadas por *O Século*, no âmbito do suplemento infantil do jornal.

Luís Ferreira (1897-1959) foi jornalista, redactor do jornal *O Século* durante duas décadas. Foi crítico de teatro e de cinema. Enquanto director da página infantil do *Pim-Pam-Pum*, usou o pseudónimo de Tio Luís. Foi também um dos grandes animadores da Colónia Balnear Infantil de *O Século*.

Foram colaboradores do suplemento infantil *Pim-Pam-Pum*, entre outros: Manuel Calvet Magalhães, Sara Afonso, Tio Tónio, Fernanda de Matos Silva, J. Fontana da Silveira (obteve

vários prémios em concurso de literatura para crianças promovidos pelos suplementos de *O Século* e *Correio Literário*), Ana de Castro Osório e Virgínia de Castro Almeida.

4.1. Abrangência geográfica e autores do Pim-Pam-Pum

Os suplementos infantis em estudo foram em número de 107, entre 3 de Dezembro de 1953 e 22 de Dezembro de 1955.

Ao longo da investigação verificámos, com base nas fotografias neles impressas, que os mesmos circularam em vários pontos do País, no estrangeiro e nas províncias ultramarinas: Viana do Castelo, Vila do Conde, Guimarães, Braga, Gerez, Vila Flor, Porto, Oliveira de Azemeis, Figueira da Foz (Fontela, Paião), Ponte Velha-Foz de Arouca, Guarda, Viseu (Mangualde, Seia, S. Paio-Gouveia, Tondela), Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Oliveira do Hospital, Aveiro (Ílhavo), Coimbra e arredores (Arganil, Sargedo, Coimbra), Peniche, Leiria e Nazaré, Caldas da Rainha, Óbidos, Lisboa e arredores (Ajuda, Alcabideche, Alcântara, Algés, Amadora, Barcarena Bombarral, Bucelas-Bemposta, Beco da Galheta-Santos, Abelheira-Cacém, Cascais, Caselas, Chelas, Dafundo, Damaia, Entroncamento, Estoril, Linda-a-Velha, Lisboa, Loures, Malveira, Marteleira-Lourinhã, Merceana, Moscavide, Oeiras, Olivais, S. Sebastião da Pedreira, Tancos), Setúbal e arredores (Almada, Amora, Barreiro, Cova da Piedade), Ribatejo (Alverca do Ribatejo, Santarém, Vila Nova da Barquinha, Tomar), Alentejo (Vendas Novas, Alvalade do Sado, Beja, Campo Maior, Évora, Grândola, Moura, S. Bartolomeu de Messines, Viana do Alentejo, Vimeiro), Algarve (Albufeira, Faro, Olhão, Lagoa, Portimão). Fora do país: Espanha (Vigo), Congo Belga, Brasil e França (Paris) Nas províncias ultramarinas: Angola (Lobito, Nova Lisboa), Cabo Verde e Moçambique (Beira, Lourenço Marques).

Dessas fotografias, encontrámos 107 referentes a meninas e 155 a rapazes. Em dois números do *Pim-Pam-Pum*, de 28 de Outubro de 1954 e 16 de Junho de 1955, surgem as fotografias de dois meninos com a farda da Mocidade Portuguesa. As idades são variáveis desde crianças com menos de um ano até aos 14 anos. Além destes, encontrámos um conjunto de 11 jovens aparentemente com mais de 14 anos e que referem que o *Pim-Pam-Pum* é o jornal predilecto de todos eles. A idade de 3 anos é a que tem maior número de fotografias, possivelmente enviadas pelo chefe de família, acentuando, por exemplo, que essas crianças adoram os

bonecos do “querido” *Pim-Pam-Pum* (26 de Agosto de 1954). Lisboa é o distrito com maior quantidade de fotografias enviadas.

No suplemento infantil *Pim-Pam-Pum* de 29 de Abril de 1954, encontrámos uma defensora do Sport Algés e Dafundo, ainda actualmente uma das mais importantes colectividades desportivas do nosso país. Foi fundada em 19 de Junho de 1915 e é titular do estatuto de utilidade pública desde 9 de Novembro de 1931. A partir de 1952 tem vindo a estar representada por atletas seus em várias modalidades desportivas nos Jogos Olímpicos como, por exemplo, a natação. Mas, em muitas das fotos das crianças e jovens há uma referência a Clubes: Barreirense, Futebol «Os Belenenses», Benfica, Caldas Sport Clube, Sporting Clube de Portugal, Olhanense, Vitória Futebol Clube.

No *Pim-Pam-Pum* de 11 de Fevereiro de 1954, aparecem duas fotografias de dois irmãos a enviarem beijinhos para a mãe internada no sanatório do Lumiar.

No suplemento infantil de *O Século*, foram vários os autores que colaboraram no período de investigação da dissertação (ver Anexo I), conforme se pode observar no Quadro 3.

Quadro 3 – Autores dos textos

Autores/Pseudónimos	Nº
Desconhecido	61
Artur Portela (Filho)	1
Baronesa Y	1
Baruto Félix	1
Beatriz Machado	60
David de Almeida Pinto	1
Eduardo da Cunha e Sá	7
Emília Montalvo	41
Fernand`Almiro	21
Graciete Ribeiro Lourenço	6
Joaquina Maria Domingos Magno	3
Júlia Ferreira de Abreu Barata	3
Lídia Lourenço	53

Luís Marques Simões	1
Madrinha amiga	1
Manuel Ferreira	24
Maria Alda	1
Maria Alice de Seixas	15
Maria Auzenda Laranjinha da Silva Mateus	1
Maria Cândida F. da Cunha	3
Maria Emília Veiga Lopes	17
Maria de Santo António	72
Marquesa Y	18
Melro de Bico Amarello	1
Morenita	3
Natália Baptista	9
Noémia Setembro	3
Paulo Soromenho	1
Repórter Barbaças	8
Repórter Barbichas	1
Robin dos Bosques	22
Robin dos Mares	2
Robin da Selva	1
Sabichão das Dúzias	12
Tio Luís	7
Uma Maria de Portugal	2
Vasco de Campos	19
Xandinha	3
X.P.T.O.	12
Zé Caturrinha	1
Zita Campos	6

TOTAL	525
--------------	------------

Da observação deste Quadro, podemos concluir que, dos 524 textos analisados, em 61 deles (14,25%) não está identificado o seu autor⁶. Por isso, consideramos que a autoria desses textos pertenceu ao Director Literário do suplemento infantil – Tio Luís.

Na época, alguns textos eram publicados com um pseudónimo ou com as iniciais do autor. Maria de Santo António foi a autora que mais colaborou nos suplementos infantis em estudo. Tiveram também uma participação de relevo: Tio Luís (o Director do suplemento), Beatriz Machado, Lúdia Lourenço, Emília Montalvo ou Manuel Ferreira. Verificámos que alguns destes autores já prestavam colaboração em 1950, 1951 ou 1952, nomeadamente: Maria de Santo António, Beatriz Machado, Eduardo da Cunha e Sá, Emília Montalvo, Manuel Ferreira, Maria Alice de Seixas, Noémia Setembro, Repórter Barbichas, Robin dos Bosques, Uma Maria de Portugal, Vasco de Campos, Marquesa Y, Sabichão das Dúzias e, naturalmente, o Director Literário.

4.2. O *Pim-Pam-Pum* e os seus conteúdos, no período em análise

Como referimos anteriormente, procedemos ao estudo de 107 números do *Pim-Pam-Pum*, entre 3 de Dezembro de 1953 e 22 de Dezembro de 1955. Após a recolha dos exemplares correspondentes a esse período na Hemeroteca Nacional, foi feita a sua inventariação cronológica (ver anexo 1).

Para facilitar a leitura e a compreensão dos textos recorremos a uma ficha de leitura, dividida em duas partes. A primeira parte contém os seguintes «campos»: Título do texto, Autor, Página inicial, Descrição da imagem, Tipo de discurso, Assunto, Moralidade e Orientação Moral. A segunda parte, e em relação às personagens, optámos pelos «campos» de observação: Local de acção (casa, rua, escola, fábrica, igreja, outros), Qualidade (humana, animal, divina, objecto, planta), Sexo (homem, mulher, indefinido), Idade (adulto, criança, jovem, idoso, indefinido), Figura (grau de parentesco, amigo(a), professor(a), narrador), Valores, Actividades e sua explicitação (doméstica, patriótica, escolares, sociais, prática religiosa, ocupação de tempos livres...).

⁶ Nos textos de aventuras/contos, publicados por episódios, apenas contabilizámos o primeiro texto.

Por meio de uma ficha de análise (ver Anexo II), nos textos de cada número do suplemento infantil, procurámos identificar os valores neles implícitos ou explícitos e que coincidem com aqueles que o Estado Novo procurava incutir na criança. Considerámos também importante a classificação dos textos pois o “tipo de discurso pode reforçar a intenção comunicativa” (Mineiro, 2007: 229) e, por isso, procedemos à seguinte tipologia:

Quadro 4 – Tipologia dos Textos

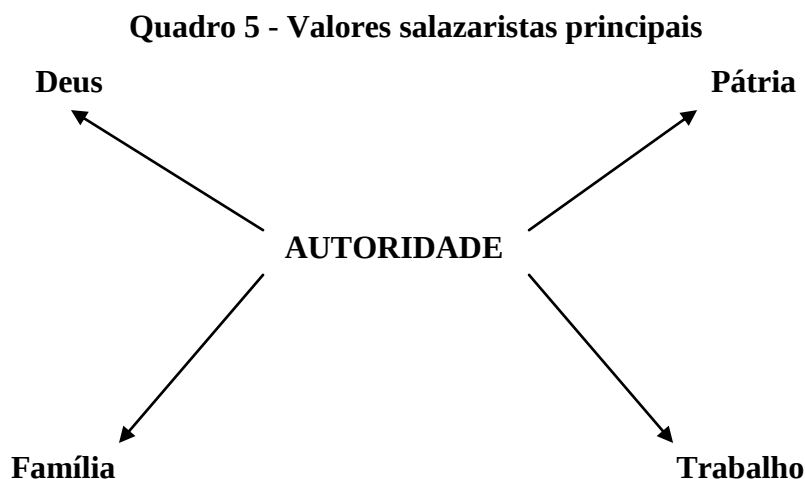
PROSA	Narrativa	Ficcional (contos, fábulas, outros textos da tradição oral) Não ficcional (excertos de narrativas históricas, de narrativas de viagens, de factos quotidianos)
	Descritiva	Didático-informativa Histórica Doutrinária
	Ditos sentenciosos	
POESIA	Adivinha	
	Religiosa	Popular
	Didáctica	Lírica
	Lúdica	De cariz doutrinário

Fonte: Maria Adélia Mineiro, 2007

Verificámos que os textos de prosa descritiva doutrinária e os de poesia de cariz doutrinário contêm o intuito de transmitir a ideologia vigente. Os textos de narrativa ficcional finalizam com uma intenção moralizante. Os textos enquadrados na prosa narrativa não ficcional correspondem a exemplos de histórias verídicas de actos louváveis, muitos deles, com função apelativa e de orientação moral.

Conforme referimos no Capítulo III, a axiologia do Estado Novo assenta na pentalogia Deus-Pátria-Autoridade-Família-Trabalho, ou seja, uma síntese mais alargada da trilogia, com acréscimo de dois valores importantes da ditadura salazarista: autoridade e trabalho.

Esta síntese foi, para nós, um elemento facilitador na análise dos suplementos infantis de *O Século* e permitiu, a partir dessa pentalogia, identificar os valores dominantes na ideologia do Estado Novo.



Neste esquema, o centro é ocupado pela *autoridade*, valor essencial para Oliveira Salazar. A autoridade para se implementar exige recurso a um conjunto de outros valores – Deus, Pátria, Família e Trabalho – alargando esse quadro até alcançar as metas definidas.

Assim, ao longo do estudo do *Pim-Pam-Pum*, foram sendo identificados os seguintes valores:

Autoridade – Atrevimento, castigo, agressividade, animosidade, cólera, fúria, gratidão, humildade, reconhecimento, respeito, orgulho, liberdade, serenidade, imprudente, insubmissão;

Deus – Caridade/ajuda, atenção, inocência/mentira/verdade, cobiça, confiança, coscuvilhice/curiosidade, Devoção/fé, doença, esperança, ética/vergonha, Natal, fundo moralizante, gratidão, guia, Honestidade/honradez/roubo/maldade, justiça, Humanidade/vingança, inveja/intrigas, paciência/perseverança/resignação, sacrifício/santidade, bondade/maldade;

Pátria – colonialismo, dever, épico/epopeia, explorador, guerreiro, glória, herói, ilustre, lenda, memória, nacionalismo, navegador, nobreza, raça, patriotismo, ruralismo

Família – Afeição, amor, atenção, cuidado, dever, paz;

Trabalho – ciência, cultura, curiosidade, dever, experiência, explorador, habilidade, imaginação, recompensa, trabalho infantil.

Outros valores foram, contudo, identificados:

Ordem (balbúrdia, disciplina, higiene);

Coragem (bravura, desgraça, dificuldade, empreendedorismo, esforço, força de vontade, independência, indomável, orgulho, proezas, valentia, vontade;

Escola/Futuro (ensino, imaginação, ignorância, ambição, apreensão);

Meio/ambiente (natureza);

Amizade/Solidariedade (atenção, cuidado, desconfiança, estima, fidelidade, generosidade, lealdade, segredo, traição;

Docilidade (argúcia, astúcia, artimanha, aventura, embaraço, génio, esperteza);

Pobreza/Riqueza (felicidade, fidalgo, fome, Natal, nobreza, vida, ama, servo, alimentação);

Beleza (feio);

Alegria (bom humor, desespero, riso).

4.2.1. Livro único

Recorremos também à leitura dos livros únicos das 2^a e 3^a classes adoptados no período temporal em análise com o objectivo de neles identificarmos os valores predominantes e relacioná-los com os do suplemento infantil de *O Século*.

Nesses livros escolares existem poemas e contos, uns identificados e outros, não. Os seus autores são obviamente de confiança da linha política do regime salazarista. Assim, escreveram no livro único da 2^a classe: António Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, João de Deus, António Nobre, Francisco Palha, Tomás Ribeiro, Adolfo Portela (possivelmente pai de Artur Portela que escreveu o conto referido na página 64 da dissertação). No da 3^a classe, existem textos da autoria de: D. Luísa de Vilhena, Maria de Carvalho, Augusto Gil, Padre Moreira das Neves, Guerra Junqueiro, Pedro Dinis, Acácio de Paiva, Maria Lúcia, Bocage, Lopes Vieira, A. Correia de Oliveira e João de Deus. Ambos os livros estão divididos em três partes: Língua Portuguesa, Doutrina Cristã e Aritmética. O da 2^a classe começa com o texto intitulado *Deus* e a 1^a parte conclui com *No acampamento*, onde a

intriga acontece no dia 28 de Maio – dia de festa da Mocidade Portuguesa e data da implantação da Ditadura Militar, em 1926. O texto trata de um acampamento onde havia rapazes da Mocidade Portuguesa, *lusitos*, *infantes* e *vanguardistas*, vindos de todo o território nacional. Alegrementemente e desembaraçados, assistem à missa campal e às dez horas da manhã vai ser saudada a bandeira:

Todos os castelos estão formados em quadrado. Ao centro vêem-se os guiões azuis e amarelos e as bandeiras brancas e vermelhas. Toca a *sentido*. Logo a seguir, ouve-se o toque de *continência*. Os rapazes, direitos e firmes como estátuas, estendem o braço. Está a ser içada a bandeira nacional! (Portugal, 1958:66).

O primeiro texto do livro da 2ª classe, intitulado *Deus*, fala de Deus, Pai e Mãe e informa que na família, escola e igreja a criança irá aprender a conhecê-los cada vez melhor. “Deus está acima de tudo e de todos nós (...). É a nós, aos pequeninos, que Ele quer com mais carinho”. E aconselha que os alunos devem estudar, rezar, serem bons, alegres e felizes.

O livro da 3ª classe, na sua 1ª parte, inicia-se com a narrativa *A Pátria* na qual, à pergunta “Menino, sabes o que é a Pátria?”, responde-se:

A Pátria é a mãe de nós todos – os que já se foram, os que vivemos e os que depois hão-de vir.
Na Pátria está, meu menino, a casa em que vieste à luz do dia, o regaço materno que tanta vez te embalou, a aldeia ou a cidade em que tu crescestes, a escola onde melhor te ensinam a conhecê-la e a amá-la, e a família e as pessoas que te rodeiam.
(...) Para cá e para além dos mares, é a nossa Pátria bendita o território em que, à sombra da nossa bandeira, se diz na formosa língua portuguesa a doce palavra Mãe!... (Portugal, s/d:5).

O último texto da primeira parte, *O Hino Nacional*, alerta as crianças e adultos para o valor deste símbolo nacional:

«A Portuguesa» é o hino nacional!
(...) Todos os portugueses devem decorar-lhe a música e a letra, para melhor poderem compreender o sentido patriótico das duas notas e dos seus versos.
Não deve ser tocado ou cantado por ocasião de divertimentos populares, mas apenas em actos solenes de exaltação das virtudes cívicas, para poder ser ouvido com o respeito que merece.

Logo que as primeiras notas comecem a ouvir-se, todo o português deve tirar o chapéu e conservar-se na posição de sentido enquanto durar a sua execução, em homenagem à voz da Pátria que o hino nacional representa (Portugal, s/d:183).

Acontece que o livro único da 2ª classe foi impresso pela Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, no Porto. A autora de alguns poemas no *Pim-Pam-Pum*, Beatriz Machado, poderá, a nível de parentesco, estar relacionada com o editor Adolfo Machado.

Depois desta curta introdução, passamos à análise dos valores que detectamos nos diferentes textos do suplemento infantil objecto do nosso estudo.

4.2.2. Autoridade

No poema *Era teimoso...* da autoria de Lídia R. Lourenço, um menino chamado Joãozinho tinha o defeito de ser muito teimoso: teimava mesmo quando sabia que não tinha razão. Foi o que aconteceu certa vez no colégio, quando disse que não fez uma coisa que tinha feito. O seu pai tomou conhecimento e castigou-o de forma diferente.

(...) - «Vais p'ra cama sem jantar,
E ficas na escuridão,
P'ra teres, tempo de pensar»,
disse o pai para o João.

O Joãozinho gritou,
Mas ninguém lhe respondeu,
Nem sequer o seu avô,
Ou a mãe, o atendeu.

E então, no seu quarto, escuro
Deitadinho no seu leito,
Pôs-se a pensar no futuro
E, também no seu defeito.

Depois muito desgostoso
E bastante envergonhado,
Jurou não mais ser teimoso,
Para não ser castigado.

Adormeceu a chorar,
Mas aprendeu a lição:
Nunca se deve teimar,
De mais a mais sem razão⁷.

⁷ *Pim-Pam-Pum*, 1955, (1500), p. 4.

Na narrativa *Percalços... do trânsito*, assinada por Fernand’Almiro, conta-se a história do Fininho. No seu seguimento é apresentado um menino que acreditava ser imparável no seu triciclo. Depois de várias peripécias, e quando a criança já estava cheia de medo, encontra um polícia que lhe diz:

(...) O orgulho é muito feio. Nunca devemos querer mostrar-nos capazes de fazer coisas que não são para as nossas forças! Anda lá à minha frente, toca a girar para casa, e para a outra vez se foges à família vais para a cadeia mais as tuas manias à Nicolau. E Fininho, entregue à família, apanhou um par de açoites e... nunca mais quis dar a volta a Portugal... por causa dos polícias sinaleiros...⁸.

Nestes dois exemplos, a autoridade manifesta-se através do chefe de família ou do polícia, finalizando sempre com uma intenção moralizante.

Outro exemplo de autoridade devido à posição social, no romance de *O príncipe e o pobre*, Eduardo, na qualidade de príncipe de Gales, ordena ao Tom para brincar com ele que hesita por ser um menino pobre: “- eu sou o príncipe de Gales e ordeno. Anda!” (*Pim-Pam-Pum*, 1955, 1503:4).

4.2.3. Deus

Dezembro é para muitos o mês com muitas luzes, árvores de Natal, prendas e doces, época dos pequeninos escreverem ao Pai Natal. Para a Família católica, é um momento de grande tradição religiosa – o nascimento do Menino Jesus. No *Pim-Pam-Pum* de 31 de Dezembro de 1953, num poema intitulado *Árvores de Natal* de Beatriz Machado, ressalta a alegria das crianças à volta da árvore de Natal.

As árvores do Natal!
Têm um ar triunfal!
Cheias de brilho e de luz!
- E tanta luz que esplendor! –
Enfeitadas a primor,
Para o Menino Jesus!
(...)

As árvores de Natal

⁸ *Pim-Pam-Pum*, 1955, (1528), p. 2.

São armadas, afinal,
- Cheias de brilho e de luz! –
- ... E de quem é pequenino
Como o menino Jesus!⁹.

No mesmo número do suplemento infantil, em *Lobos na Noite de Natal*, a autora sob o pseudônimo de “Marquesa Y” procura transmitir aos leitores a angústia de uma mulher junto do filho e do avô que aguardam a vinda do Chefe de Família Cláudio, num lar humilde mas acolhedor. O dia tinha escurecido e aproximava-se uma tempestade. Cláudio procurava pôr-se a salvo dos lobos e atirou-se para a primeira porta que viu. Com um empurrão abriu a porta, fechou-a e olhou em roda:

Viu o lume prestes a apagar-se...e, suspensa sobre o lume uma panela de ferro. Da sombra saíram então algumas pessoas. Olhou-as desvairado. E só então compreendeu que estava na sua própria casa!
- Filho...meu menino! – gritou, deixando cair o fardo que trazia às costas.
Toda a família estava agora à sua volta, rindo e chorando ao mesmo tempo.
- Perdeste-te na serra? – disse a voz do pai.
Na noite de Natal ninguém se perde, louvado seja Deus! – respondeu Cláudio.
E enquanto ele pegava no filho ao colo, na lareira o caldo punha-se de novo a ferver alegremente...¹⁰.

O conto de Artur Portela Filho, *O Natal do Menino Jesus*, aborda a descida do Menino à Terra como acontecia todos os anos na época de Natal a distribuir brinquedos:

Pé ante pé, para não acordar as crianças que já dormiam, gordinhas e rosadas, como querubins, penetrava em lindos quartos de dormir, e foi depondo nos seus sapatinhos os presentes que, no outro dia, penderiam em grandes árvores de Natal (...). Nas casas pobres, onde vivem aqueles rapazinhos tristes e magritos que vedes às vezes na rua ou quando, nariz colado à vidraça da janela, tentais perscrutar na noite negra e fria, punha também uma prenda que lhe havia de encher os corações de contentamento¹¹.

Quando se preparava para regressar ao Céu, saltando de estrela em estrela, viu um menino muito roto a arrastar-se pela neve. Jesus aproximou-se e perguntou-lhe se andava perdido... O menino pobre respondeu-lhe que não tinha casa nem família e tinha muito frio e fome... Despediu-se pois tinha muito sono e encostou-se na soleira de uma porta, adormecendo para

⁹ *Pim-Pam-Pum*, 1953, (1444), p. 1.

¹⁰ *Pim-Pam-Pum*, 1953, (1444), p. 1.

¹¹ *Pim-Pam-Pum*, 1953, (1443), p. 4.

sempre. E “o Menino Jesus abraçado à alma branca do seu amiguinho subiu para o Céu, saltando de estrela em estrela”.

4.2.4. Pátria

Manuel Ferreira, num dos seus artigos históricos *As Lições de Gabriel* do *Jornal Pim-Pam-Pum* (1954, 1445:1-4), realça os valores do patriotismo. Nesse artigo o Guia Gabriel menciona as investidas dos Alemães no mar ao afundarem os vapores portugueses («Douro» e «Cisne»), como represália à aliança de Portugal com a Nação inglesa. Essa aliança exigia obrigações e a Inglaterra pediu a requisição de todos os navios alemães que se encontravam em território português, assunto que foi regulado por diploma legal. Então “o ministro alemão em Lisboa pede a revogação da medida, mas o Governo português manteve a sua atitude”. Em 9 de Março, a Alemanha declara guerra a Portugal que corta relações com a Áustria, aliada da Alemanha.

E o esclarecimento aos alunos na visita ao Mosteiro da Batalha prossegue com a interpelação de um deles:

- E saímos dela vencedores, não é verdade?
- Sim. Nunca se esqueçam de que sempre se vence quando nos batemos pela liberdade da Pátria e pela dignidade do Homem. Os nossos soldados passaram em Paris, sob o Arco de Triunfo, depois de terem escrito na História páginas tão admiráveis de heroísmo que até os próprios adversários lhes prestaram homenagem. (...) o nosso Império manteve-se íntegro e pudemos mostrar ao mundo que, onde for necessário defender o direito e a justiça, estarão sempre alerta os gloriosos soldados e marinheiros de Portugal¹².

Manuel Ferreira destaca ainda a Sala do Capítulo “onde se encontram os túmulos dos Soldados Desconhecidos mortos em África e França durante a Guerra” e se encontra perfilado um soldado junto das campas rasas. “Num formoso lampadário consumia-se o azeite votivo dos nossos campos. Era a «Chama da Pátria», que durará enquanto houver portugueses”.

¹² *Pim-Pam-Pum*, 1954, (1445), p. 4.

4.2.5. Família

Em *Amor fraternal*, Maria Alice de Seixas apresenta a história de duas personagens, o Manuel e o Zeca, crianças pobres que, após a realização de uma incumbência, cada um recebe uma moeda de cinco escudos. Nunca tinham recebido tanto dinheiro. O Zeca vivia com a mãe e a irmãzinha doente numa minúscula água-furtada. O pai tinha morrido há dois anos. Fizeram projectos: um, tinha decidido comprar um pião e berlindes e o outro, soldadinhos de chumbo. No momento da compra, o Zeca lembrou-se da sua irmã doente que queria uma boneca e no seu íntimo travava-se uma luta. Acabou por levar a boneca para a irmã. O Zeca ao entrar no quarto da irmã, exclama:

- Mimi, olha! Vê o que trago para ti?!...
Os olhos da pequenita brilharam. Radiante bateu as palmas:
- Ah!... tão linda – e pegava-lhe com cuidado, levantando-a ao ar com ternura e veneração. Depois começou a embalá-la, segura que tinha nas suas mãos um tesouro...
O Zeca, radiante, cantarolava, olhando para a irmã que o médico, que a visitara há pouco, encontrara muito melhor, livre de perigo!
A mãe sorria.... A linda boneca viera no momento próprio, como que a consagrar um pouco de felicidade que entrara naquela casinha modesta de gente pobre¹³.

A autora que se intitula “Xandinha” apresenta *Uma história verdadeira* cujos protagonistas são dois belos rapazes fortes e trabalhadores. “A luta pela vida separou-os, mas a gratidão e a recordação de uma acção nobre persistirá sempre entre eles”. O Orlando, com 10 anos, frequenta a 4ª classe numa escola primária e o António tem 13 anos, franzino, com privações que não permite o seu normal desenvolvimento. Um grupo de colegas decidiu troçar do António por ele ser pobre e ter o fato com remendos. Chegaram rapidamente à ofensa e o menino ofendido perdeu a cabeça e bateu no mais atrevido. Logo os outros todos se atiraram a ele. Surgiu então o Orlando que livrou António dos maus colegas e esta sua atitude deu origem a uma amizade profunda, passando a estudar juntos e tornaram-se os primeiros da classe.

Após algum tempo, António contou ao amigo que não almoçava, porque a mãe não podia comprar pão para ele levar para a escola, pois morava num casal distante. Alimentava-se das esmolas que ao sair da escola lhe davam. Num gesto de amizade e bondade, Orlando passou a oferecer todos os dias ao amigo uma maçã, da sua sobremesa e um pão. Na sua conclusão,

¹³ *Pim-Pam-Pum*, 1954 (1477), p. 3.

o conto refere que a mãe do Orlando tendo descoberto a atitude do filho e ao ver a nobreza de seus sentimentos, autorizou-o a convidar para almoçar todos os dias o seu amigo: “Se todos os meninos e meninas fossem capazes de cometer boas acções, iguais às de Orlando, como todas as mãezinhas seriam felizes e como todos se sentiriam bem na escola, ninho de amor fraternal dos pequeninos ricos e pobres que a Vida põe lado a lado”¹⁴.

4.2.6. Trabalho

Lídia Lourenço no seu poema, *Trabalhar é Honra*, faz um elogio ao trabalho honrado de uma lavadeira, a Graça Maria:

Mas, um dia alguém,
Vendo-a tão ligeira,
Disse com desdém:
«Ela ... é lavadeira.»

A Graça Maria
Não se aborreceu,
Foi com alegria
Que lhe respondeu:

«- Andar a lavar,
É, talvez, modesto,
Mas é trabalhar
Num trabalho honesto.»

.....
A Graça Maria
Falou acertado.
Tem sempre valia
O trabalho honrado¹⁵.

Em cada prosa, poesia, banda desenhada, espaço dedicado à “hora de recreio” (vozes de animais, palavras cruzadas, charadas combinadas, problemas matemáticos para os mais pequeninos e mais crescidos, ...) o texto é sempre associado a imagens que deliciam qualquer leitor e aqueles que ainda não sabem ler.

¹⁴ *Pim-Pam-Pum*, 1954, (1491), p. 4.

¹⁵ *Pim-Pam-Pum*, 1955, (1502), p. 1.

REFLEXÃO FINAL

Procurámos, ao longo deste trabalho de investigação, obter resposta à questão base desta dissertação de mestrado: “Qual a influência ideológica e de propaganda do *Pim-Pam-Pum*?”.

Como procurámos demonstrar, havia um quadro de valores imposto pelo regime ditatorial para a sociedade em geral: obediência, disciplina, conformismo, patriotismo, tradição, religião e família. O suplemento infantil *Pim-Pam-Pum* procurava educar o seu público de forma lúdica e de acordo com faixa etária do seu público alvo, mas transmitia e inculcava de modo explícito os ditames do Estado Novo. Ao longo do nosso trabalho de investigação foi possível distinguir de modo objectivo, nos textos publicados no *Pim-Pam-Pum*, os principais valores salazaristas.

Importa aqui sublinhar que a transmissão da ideologia então vigente em Portugal também estava programada para aquelas crianças que não estavam alfabetizadas, com o objectivo da abrangência ser tão vasta quanto possível. As imagens aprazíveis, sempre muito presentes no suplemento infantil em análise, encarregavam-se de transmitir o essencial da moralidade que o regime pretendia transmitir para aquelas crianças que, por idade ou vicissitudes várias, não sabiam ler. Podemos afirmar pelo estudo efectuado que o suplemento infantil *Pim-Pam-Pum* ocupou os tempos livres de crianças de todo o país contribuindo certamente, em colaboração com a família, para a formação da criança e para a interiorização de alguns dos valores.

A censura teve indubitavelmente um importante papel face à inclusão dos valores do regime vigente em Portugal na imprensa em geral. A comunicação social escrita era um veículo substancial não só para o enaltecimento do ser, viver e sentir consoante o defendido pelo poder nacional da época, mas também para estancar as opiniões dissidentes e a difusão de sentimentos contrários ao Estado Novo. Importa a este nível sublinhar, tal como referimos ao longo deste trabalho, que o jornal *O Século* era na época entendido como respeitador das normas do Governo liderado pelo Professor António de Oliveira Salazar.

A análise que fizemos em função do suplemento infantil *Pim-Pam-Pum*, nos primeiros anos da década de 1950, tornou clara a subjugação da imprensa da época em relação aos factores políticos e ideológicos: a propagação de valores do regime político pretendia afectar o sistema

educacional e, consequentemente, a formação das crianças. A escola de ensino primário era tratada como uma agência de controlo social e não de transmissão de conhecimentos («instrução») mas de formação da consciência («educação»). Defendia-se na época que a educação, para ser eficaz e duradoura, devia complementar-se com uma família cristã, bem ordenada e disciplinada.

Consideramos que, mediante o contexto histórico-social, a função do jornalismo era árdua e complexa. No entanto, o facto da regularidade, diversificação e didactismo do *Pim-Pam-Pum* demonstram que esta era uma tarefa considerada bastante importante. Não atendendo à forte idealização que já referimos, consideramos de salutar a existência deste suplemento infantil. Era visualmente interessante, apelativo e rico em conteúdo inteligentemente transmitido de um modo leve e lúdico, próprio para o público infantil.

Ao longo da pesquisa, da organização e da redacção desta dissertação, novos e interessantes temas de estudo surgiram. Além da resposta ao objectivo central deste trabalho, outros conhecimentos e temas se impuseram e se comprovaram como horizontais a toda a época, nomeadamente o sentido de ser e estar social. Consideramos que novas questões de investigação que surgiram neste nosso trabalho seriam interessantes de aprofundar como:

- O efectivo contacto das crianças com o suplemento infantil *Pim-Pam-Pum* e a sua distribuição ao longo de todo o território nacional;
- A participação familiar na leitura infantil do Suplemento e como veículo de incentivo à prática dos valores transmitidos;
- A possível utilização do *Pim-Pam-Pum* como instrumento didáctico por parte do ensino da época;
- A influência e proximidade de responsáveis do regime directamente sobre os diversos autores do *Pim-Pam-Pum*.

Concluimos que a formação em valores de acordo com o regime do Estado Novo era essencial para a sua vivência ideológica por parte da população portuguesa e que a imprensa era veículo privilegiado para a sua difusão. Pelos números do suplemento infantil que analisámos, bem como pela investigação que elaborámos noutras fontes, podemos afirmar que a ideologia imposta pelo Estado Novo procurava influenciar a formação das famílias portuguesas.

BIBLIOGRAFIA

Adão, Áurea (1984). *O estatuto sócio-profissional do professor primário em Portugal (1901-1951)*. Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência.

Anselmo, Artur (2008). *Ler é maçada, estudar é nada*. Lisboa: Guimarães Editores.

Araújo, Manuel (2008). *A emancipação da Literatura Infantil*. Porto: Campo das Letras.

Barreto, António Garcia (2002). *Dicionário de Literatura Infantil portuguesa*. Porto: Campo das Letras.

Barreto, António & Mónica, Maria Filomena (coord.) (2000). *Dicionário de História de Portugal*. Vol. IX. Porto: Figueirinhas.

Bastos, Glória (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Benavente, Ana (1999). *Escola, professoras e processos de mudança*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bivar, Maria de Fátima (1975). *Ensino primário e ideologia*. Lisboa: Seara Nova.

Blockeel, Francesca (2001). *Literatura juvenil portuguesa contemporânea: Identidade e alteridade*. Lisboa: Editorial Caminho.

Carvalho, Bárbara Vasconcelos de (1989). *A literatura infantil*. S. Paulo: Global Universitária.

Carvalho, Maria Manuela (2005). *Poder e ensino: os manuais de História na política do Estado Novo (1926-1940)*. Lisboa: Livros Horizonte.

Correia, João David Pinto (1973). *A literatura juvenil em Portugal: subsídios para o estudo da sua história e de alguns dos seus problemas*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional.

- Correia, Fernando & Baptista, Carla (2007). *Jornalistas: do ofício à profissão*. Lisboa: Caminho.
- Costa, Maria Irene Leite da Costa (1951). *A afectividade infantil*. Lisboa: Tip. União Gráfica.
- Ferro, João Pedro (1987). *História da banda desenhada infantil portuguesa: das origens até ao ABCzinho*. Lisboa: Presença.
- Florêncio, Violante (1991). *A literatura para crianças e jovens em Irene Lisboa*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Garnier, Christine (1952). *Férias com Salazar*. Lisboa: Companhia Nacional Editora.
- Guimarães, Maria Alice Pinto (2008). *Saberes, modas e pó-de-arroz: Modas & Bordados. Vida feminina (1933-1955)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Gomes, Joaquim F. (1977). *A educação infantil em Portugal*. Coimbra: Almedina.
- Gomes, José António (1995). "As fadas verdes e o universo poético de Matilde Rosa Araújo". In Maria José Costa (coord.). *Matilde Rosa Araújo*. Porto: Civilização.
- Gomes, José António (2000). *Literatura para crianças e jovens: alguns percursos*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Lemos, Mário Matos e (2006). *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora.
- Letria, José Jorge (2000). *Do sentimento mágico da vida*. Lisboa: Editorial Escritor.
- Luís, António Santos (2000). "Pobreza". In Barreto, António & Mónica, Maria Filomena (coord.) (2000). *Dicionário de História de Portugal*. Vol. IX: 102-108). Porto: Figueirinhas.

- Magalhães, Violante F. (2009). *Sobressalto e espanto: narrativas literárias sobre e para a infância, no neo-realismo português*. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Marques, A. H. de Oliveira (1996). *Breve história de Portugal*. Lisboa: Presença.
- Mascarenhas, João Mário (2001). *O Estado Novo e as mulheres: o género como investimento ideológico e de mobilização*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Medina, João (2004). *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Amadora: Ediclube.
- Mineiro, Adélia Carvalho (2007). *Valores e ensino no Estado Novo: análise dos livros únicos*. Lisboa: Sílabo.
- Mónica, Maria Filomena (1978). *Educação e sociedade no Portugal de Salazar*. Porto: Presença.
- Nóvoa, António (1993). *A imprensa de Educação e Ensino: repertório analítico (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Ó, Jorge Ramos do (1999). *Os anos de ferro: o dispositivo cultural durante a "Política do Espírito", 1933-1949: ideologia, instituições, agentes e práticas*. Lisboa: Estampa.
- Perrot, Jean (2008). *Mondialisation et littérature de jeunesse*. Paris: Electre - Éditions du Cercle de la Librairie.
- Pires, Maria Laura Bettencourt (s.d.). *História da literatura infantil portuguesa*. Lisboa: Vega.
- Pizarroso Quintero, Alejandro (1996). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora.
- Portugal. Ministério da Educação Nacional (1958). *O livro da segunda classe*. Porto: Editora Educação Nacional de Adolfo Machado.

Portugal. Ministério da Educação Nacional (s.d.). *O Livro da terceira classe*. (s.l.): [Editora Educação Nacional].

Ramos, Rui & Vasconcelos, Bernardo (2009). *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros

Reis, António (1990) *Portugal Contemporâneo (1926-1958): ascensão e consolidação do Estado Novo: controlo ideológico e resistência cultural: sob a égide dos valores conservadores*. Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa.

Rocha, Natércia (1984). *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. Lisboa: I.C.A.L.P.- Biblioteca Breve.

Rocha, Natércia (2001). *Breve história da literatura para crianças*. Lisboa: Editorial Caminho.

Rosas, Fernando (1996). *Dicionário de história do Estado Novo*. Vol. I. Lisboa: Bertrand.

Rosas, Fernando (2002). *História de Portugal: o Estado Novo*. Vol. XIII. Lisboa: Lexicultural.

Serrão, Joel (1990). *Nova história de Portugal: Portugal e o Estado Novo*. Vol. XII. Lisboa: Presença.

Serrão, José Vicente (2002). *Pelos Séculos d'O Século*. Lisboa: IAN/TT.

Sá, Domingos Guimarães de (1981). *A literatura infantil em Portugal: achegas para a sua história*. Braga: Editorial Franciscana.

Salazar, Oliveira (1945). *Discursos e notas políticas (1935-1937)*. Vol. II. Coimbra: Coimbra Editora.

- Silva, Filomena Maria Moreira da (2005). *Mandar e obedecer: a representação da acção disciplinadora da escola no Estado Novo*. Dissertação de mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Silva, Gisela Cristina Ribeiro (2006). *Iniciação e demanda - Um estudo mitocrítico no domínio da literatura infanto-juvenil: Harry Potter e a Pedra Filosofal e a Ilha do Chifre de Ouro no contributo de uma literacia do imaginário*. Minho: Instituto de Estudos da Criança.
- Silva, Paulo Neves da (2005). *O livro das citações*. Cruz Quebrada: Casa das letras/Editorial Notícias.
- Sobreiro, Rosa Maria (2003). *Os Jornalistas Portugueses.1933-1974:Uma profissão em construção*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Stoer, Stephen (1982). *Educação, Estado e Desenvolvimento em Portugal*. Lisboa: Horizonte.
- Sousa, Sérgio Paulo Guimarães de (1998). *Teoria breve da literatura infantil*. [Lisboa]: A.P.P.A.C.D.M.
- Tengarrinha, José (2006). *Imprensa e Opinião Pública em Portugal*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Teodoro, António (2001). *A construção política da Educação: Estado, mudança social e políticas educativas no Portugal Contemporâneas*. Porto: Afrontamento.
- Torgal, Luís Reis (1989). *História e ideologia*. Coimbra: Minerva.
- Veríssimo, Helena Ângelo (2003). *Os Jornalistas nos anos 30/40 elite do Estado Novo*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Viana, Mário Gonçalves [1959]. *Psicologia da Criança*. Porto: Domingos Barreira.

ANEXOS

ANEXO I

Suplemento Infantil de «O Século» – *Pim-Pam-Pum*

INVENTÁRIO CRONOLÓGICO

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
29	1443/4	1953-12-24	O Natal do Menino Jesus	Artur Portela (Filho)
	1507/1,4		O pombo branco	Baronesa Y
	1455/3	1954-03-18	O passarinho teimoso	Bahuto Félix
	1440/4	1953-12-03	Os coelhos	Beatriz Machado
	1442/2	1953-12-17	Vento Sul e vento Norte	
	1443/2	1953-12-24	O menino que não tinha sapatinho	
	1444/1	1953-12-31	Arvores de Natal	
	1446/1	1954-01-14	O mapa mundo	
	1447/4	1954-01-21	Gosto do Sol	
	1448/4	1954-01-28	Gostas do mar?	
	1450/1	1954-02-11	Que linda boneca!	
	1451/1	1954-02-18	Carnaval	
	1452/3	1954-02-25	Um baile de máscaras	
	1454/4	1954-03-11	Montanha	
	1456/2	1954-03-25	Vamos lá saber...	
	1457/4	1954-04-01	Serras de Portugal	
	1458/2	1954-04-08	Tantos vulcões?	
	1459/4	1954-04-15	Geografia	
	1463/1	1954-05-13	Astros	
	1464/4	1954-05-20	Quando as aves cantam...	
	1465/4	1954-05-27	Dia de festa	
	1466/1	1954-06-03	Meninos não façam isso...	
	1468/1	1954-06-17	Menina, tenha mais cuidado...	
	1470/3	1954-07-01	O Sol é uma estrela	
	1472/3	1954-07-15	Arvores	
	1474/4	1954-07-29	Castelos de areia	
	1475/4	1954-08-05	Estudem de boa vontade	
	1476/3	1954-08-12	Bailado	
	1485/4	1954-10-14	Vale mais...	
	1487/1	1954-10-28	Um bebé teimoso	
	1489/1	1954-11-11	O guiso de prata	
	1490/1	1954-11-18	Era uma vez um balão...	
30	1493/3	1954-12-09	Rios de Portugal	
	1494/1	1954-12-16	Dois amigos	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
30	1495/1	1954-12-23	Sonho do bebê	Beatriz Machado
	1496/2	1954-12-30	As brõas	
	1499/3	1955-01-20	Uma prenda para a Mamã	
	1502/4	1955-02-10	Quem sabe não se atrapalha...	
	1504/1	1955-02-24	Os barquinhos de papel	
	1505/2	1955-03-03	Chegaram as andorinhas	
	1508/4	1955-03-24	Era melhor!	
	1509/1	1955-03-31	Um gatinho esperto	
	1511/1	1955-04-14	O papagaio palrador	
	1511/3	1955-04-14	A formiga	
	1516/4	1955-05-19	O bebê tem automóvel	
	1517/1	1955-05-26	O vestido da boneca	
	1518/4	1955-06-02	O futuro a Deus pertence...	
	1519/3	1955-06-09	O menino Nicolau	
	1522/1	1955-06-30	Mês de Junho	
	1524/2	1955-07-14	As nuvens	
	1524/4	1955-07-14	Bonecos	
	1529/1	1955-08-18	O cortejo de oferendas	
	1530/4	1955-08-25	Os fantoches	
	1531/4	1955-09-01	O bebê tinha razão...	
	1533/3	1955-09-15	O ribeiro	
	1534/4	1955-09-22	Romarias e arraiais!	
	1535/4	1955-09-29	Carta para uma menina impertinente	
	1536/2	1955-10-05	Os saltimbancos	
	1537/4	1955-10-13	Já sabem	
	1538/4	1955-10-20	Bebé anda a viajar...	
	1540/3	1955-11-03	Bebé encantador	
	1543/2	1955-11-24	A boneca e a menina	
31	1547/2	1955-12-22	Muita alegria, afinal!	David Almeida Pinto
30	1514/1	1955-05-05	A garrafa e o azeite	
29	1463/4	1954-05-13	O avô e a neta	Eduardo Cunha e Sá
	1464/1	1954-05-20	O trovão e o relâmpago	
	1476/4	1954-08-12	Há males que são um bem!	
	1477/4	1954-08-19	Cá está o Zeca-Sabichão!	

Ano	Nº/Pág.	Data	Titulo	Autor
30	1520/3	1955-06-16	Vamos saltar à fogueira!	(Pygmeu)
	1521/3	1955-06-23	Quadras soltas para os cravos de S. João	
	1522/3	1955-06-30	Quadras soltas	
29	1441/4	1953-12-10	O Pipocas	Emília Montalvo
	1443/3	1953-12-24	Contrastes	
	1452/2	1954-02-25	O presente do Luizinho	
	1458/1	1954-04-08	Os dois manos	
	1459/2	1954-04-15	Charada	
	1464/3	1954-05-20	O Quim	
	1468/4	1954-06-17	Sejamos humildes	
	1472/2	1954-07-15	Adivinha	
	1473/4	1954-07-22	Ecos de infância	
	1477/2	1954-08-19	Liberdade	
	1478/4	1954-08-26	Lélé	
	1482/4	1954-09-23	Outra charada	
	1486/4	1954-10-21	O meu pião	
	1487/4	1954-10-28	A hora da merenda	
	1489/1	1954-11-11	O Chico	
30	1493/4	1954-12-09	O “Leão”	
	1496/4	1954-12-30	Não há bem sem senão...	
	1497/2	1955-01-06	As duas irmãs	
	1499/2	1955-01-20	Por bem fazer mal haver	
	1500/3	1955-01-27	Charada	
	1501/3	1955-02-03	Nem de mais nem de menos	
	1508/1	1955-03-24	Os anos de Manuel	
	1509/3	1955-03-31	A birra do bebé	
	1511/1	1955-04-14	O triciclo	
	1512/4	1955-04-21	Alegria na família	
	1513/1	1955-04-28	Uma boa acção	
	1516/1,2	1955-05-19	O Totó	
	1517/3	1955-05-26	Charada	
	1522/3	1955-06-30	Dedicação	
	1523/3	1955-07-07	Três corações	
	1526/1	1955-07-28	A orquestra dos macacos	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
30	1528/3	1955-08-11	O que dizem os animais	Emília Montalvo
	1529/3	1955-08-18	Adivinha	
	1531/3	1955-09-01	A menina gulosa	
	1532/1	1955-09-08	José Fernando	
	1535/3	1955-09-29	O primo Coelho	
	1539/4	1955-10-27	Quem faz mal espera outro tal...	
31	1540/3	1955-11-03	Os livros da Escola	
	1543/2	1955-11-24	O ninho	
	1544/4	1955-12-01	Libertação	
29	1547/3	1955-12-22	Boas festas	
	1489/4	1954-11-11	Uma lição a propósito	Fernand' Almiro
30	1490/1,4	1954-11-18	Um «realizador atrevido»	
	1491/1,4	1954-11-25	A lição do aluno	
	1494/2	1954-12-16	Todos somos iguais!	
	1495/3	1954-12-23	Um milagre do Pai Natal	
	1501/3	1955-02-03	O exemplo pode muito!	
	1502/2	1955-02-10	Um sonho verdadeiro	
	1504/1	1955-02-24	Quando as galinhas tiverem dentes...	
			Uma história gloriosa como poucas:	
	1509/2,3	1955-03-31	I	
	1510/3	1955-04-07	II	
	1517/4	1955-05-26	III	
	1518/4	1955-06-02	IV	
	1519/4	1955-06-09	V	
	1520/4,2	1955-06-16	VI	
	1521/4	1955-06-23	VII	
	1522/4	1955-06-30	VIII	
	1523/4,1	1955-07-07	IX	
	1524/4	1955-07-14	(continuado do número anterior)	
	1514/3	1955-05-05	A promessa	
	1528/2	1955-08-11	Percalços...do trânsito	
	1530/2	1955-08-25	Mau conselho	
	1532/2,3	1955-09-08	A vingança dos bonecos	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
30	1533/3	1955-09-15	Guardado está o bocado	Fernand' Almiro
	1534/4	1955-09-22	Atribuições de um pescador... desportivo	
	1535/1,4	1955-09-29	O guarda-nocturno era míope...	
	1536/4	1955-10-05	Fabricantes de maldades	
31	1537/2	1955-10-13	Velho ou novo?	
	1538/3	1955-10-20	De noite não se vende...	
29	1543/3	1955-11-24	Um novo caminho para a Índia	
	1546/3	1955-12-15	Inesperada homenagem	Joaquina Maria Domingos Magno
30	1460/1	1954-04-22	Viagem de avião	
	1467/2	1954-06-10	Bom castigo	
	1471/1	1954-07-08	Boa resposta!	Júlia Ferreira de Abreu Barata -Santo Estêvão – Benavente
29	1527/3	1955-08-04	A vingança da Rosa	
	1538/3	1955-10-20	A vaidade e a mentira castigadas	
	1541/2	1955-11-10	A lição do Luisinho	Graciete Ribeiro Lourenço
	1444/4	1953-12-31	Uma má brincadeira	
	1445/3	1954-01-07	O gatinho espertalhão	
	1446/3	1954-01-14	Era uma vez um fantasma...	
	1450/2	1954-02-11	Uma boa acção	
29	1459/1,3	1954-04-15	Um sonho mau	
	1479/4	1954-09-02	O navio pirata	
	1440/3	1953-12-03	É bom aprender...	Lídia R. Lourenço
	1441/1	1953-12-10	Guardado está o bocado...	
	1446/1	1954-01-14	Sejamos bons!	
	1447/2	1954-01-21	Vaidade castigada	
	1452/4	1954-02-25	Bebé mascarado	
	1454/1	1954-03-11	Esperteza	
	1455/1	1954-03-18	O balão	
	1457/3	1954-04-01	O preguiçoso	
	1460/4	1954-04-22	Os ninhos	
	1462/1	1954-05-06	Os coelhos e o lobo	
	1466/1	1954-06-03	A árvore	

Ano	Nº/Pág.	Data	Titulo	Autor
29	1467/3	1954-06-10	È feio ser mentiroso...	Lídia R. Lourenço
	1469/2	1954-06-24	A gata vaidosa	
	1470/4	1954-07-01	Saber educar	
	1471/4	1954-07-08	Esperteza de gato	
	1474/2	1954-07-29	Valeu a pena!	
	1476/1	1954-08-12	O aniversário do bebé	
	1478/3	1954-08-26	Férias	
	1479/2	1954-09-02	Brincadeiras de mau gosto	
	1480/4	1954-09-09	Egoísmo castigado	
	1481/3	1954-09-16	Zéquinha espertalhão	
	1485/1	1954-10-14	O papão	
	1486/1	1954-10-21	Vaidade para quê?	
	1488/2	1954-11-04	Maria Teresa	
	1490/2	1954-11-18	Bebé foi ao Zoo	
30	1494/4	1954-12-16	Remédio Santo	
	1495/4	1954-12-23	Natal	
	1498/2	1955-01-13	Ano Bom!	
	1500/4	1955-01-27	Era teimoso...	
	1502/1	1955-02-10	Trabalhar é honra	
	1503/1	1955-02-17	O boneco de pano	
	1505/3	1955-03-03	Cada qual é como é	
	1507/1	1955-03-17	Não se deve exagerar...	
	1509/4	1955-03-31	O “sabichão”	
	1515/4	1955-05-12	Uma boa ideia	
	1517/4	1955-05-26	Maldade castigada	
	1521/4	1955-06-23	Bebé gosta de aprender	
	1522/2	1955-06-30	O silêncio é de ouro	
	1523/4	1955-07-07	Deve ser-se obediente	
	1525/2	1955-07-21	Bebé na praia	
	1527/4	1955-08-04	O ratinho malcriado	
	1528/4	1955-08-11	Nada de exageros...	
	1529/4	1955-08-18	O Zé não era medroso	
	1532/3	1955-09-08	O peixinho encarnado	
	1533/2	1955-09-15	Devagar se vai ao longe	
	1534/3	1955-09-22	O cavalinho de pau	
	1535/1	1955-09-29	Tudo é preciso na vida	
	1536/2	1955-10-05	A menina preguiçosa	

Ano	Nº/Pág.	Data	Titulo	Autor
30	1537/3	1955-10-13	A menina que roía as unhas	Lídia R. Lourenço
	1539/3	1955-10-27	É feio furtar!	
	1542/3	1955-11-17	O mosquito atrevido	
	1543/1	1955-11-24	O pintainho toleirão	
31	1545/4	1955-12-08	O papagaio	
29	1478/3	1954-08-26	Vaidade castigada	Luís Marques Simões
29	1442/4	1953-12-17	As duas heranças	Manuel Ferreira
			As lições de Gabriel:	
	1445/1,4	1054-01-07	Honrai a Pátria que a Pátria vos contempla!	
30	1473/2,4	1954-07-22	Soldados de Portugal	
	1513/2	1955-04-28	A história de um pretendente	
31	1514/2	1955-05-05	(continuado do número anterior)	
	1545/3	1955-12-08	O pintor do povo	
29	1546/2,3	1955-12-15	O circo moderno	
	1448/2,3	1954-01-28	Uma prova escrita	
	1454/2	1954-03-11	Lição inesperada:	
	1455/3	1954.03-18	(continuado do número anterior)	
	1457/1,2	1954-04-01	O Tchinluahuco	
	1460/2,3	1954-04-22	Um conto do avozinho	
	1461/3	1954-04-29	Leal cavaleiro	
	1463/2,3	1954-05-13	Uma lição proveitosa:	
	1464/2	1954-05-20	(continuado do número anterior)	
	1465/2	1954-05-27	O primeiro mártir	
	1466/2,3	1954-06-03	Recordações de viagem	
	1467/2	1954-06-10	Uma epopeia sem par	
	1470/2	1954-07-01	A energia de um velho	
	1475/1,4	1954-08-05	As aparencias iludem	
	1476/4	1954-08-12	O arbiru:	
	1477/4	1954-08-19	(continuado do número anterior)	
	1478/4	1954-08-26	(continuado do número anterior)	
	1479/3	1954-09-02	A pergunta do Joanico	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
29	1480/4	1954-09-09	Até ao fim do mundo:	Manuel Ferreira
	1481/4	1954-09-16	(continuado do número anterior)	
	1481/2,3	1954-09-16	O velho álbum:	
	1482/3	1954-09-23	(continuado do número anterior)	
	1482/2	1954-09-23	Uma tragédia no mato:	
	1483/3	1954-09-30	(continuado do número anterior)	
	1483/2,3	1954-09-30	Recordações do tio Marçal:	
	1484/2,4	1954-10-07	(continuado do número anterior)	
	1484/3	1954-10-07	A folha do calendário:	
	1485/2	1954-10-14	(continuado do número anterior)	
	1495/2	1954-12-23	Uma carta:	
	1496/2	1954-12-30	(continuado do número anterior)	
	1497/2	1955-01-06	(continuado do número anterior)	
	1498/2	1955-01-13	(continuado do número anterior)	
	1499/3	1955-01-20	(continuado do número anterior)	
30	1506/3	1955-03-10	Terras longínquas de Portugal: as voltas que o Mundo dá!	
	1508/3	1955-03-24	Por ares nunca dantes navegados	
	1537/4	1955-10-13	O bom conselheiro	
	1538/4	1955-10-20	(continuado do número anterior)	
	1547/2	1955-12-22	Contos de Natal	
	1530/1	1955-08-25	Papás em férias	Madrinha amiga
	1443/3	1953-12-24	E Jesus voltou outra vez	
	1444/4	1953-12-31	Lobos na noite de Natal	Marquesa Y
	1448/1	1954-01-28	Estranho duelo	
	1450/2	1954-02-11	Vingança	
	1465/1	1954-05-27	Comentário da semana: cara curiosidade	
	1466/4	1954-06-03	Historia do pica-pau	
	1469/2,4	1954-06-24	A gratidão das formigas	
	1471/1	1954-07-08	Haja alegria	
	1503/3	1955-02-17	O bruxo conselheiro	
	1505/3	1955-03-03	Os malmequeres amarelos	
	1508/2	1955-03-24	O caçador e a ave	
30	1509/2	1955-03-31	O pobre lenhador	

Ano	Nº/Pág.	Data	Titulo	Autor
30	1522/1,4	1955-06-30	Os três saquinhos de trigo	Marquesa Y
	1524/1,4	1955-07-14	A andorinha sabia tudo...	
	1525/1,4	1955-07-21	A menina mau génio	
	1539/3	1955-10-27	A casa da doninha	
	1540/4	1955-11-03	O lenço	
29	1469/3	1954-06-24	Historia das minhas tranças	Maria Alda
	1441/4	1953-12-10	Memórias de um tostão	Maria Alice de
	1446/3	1954-01-14	O melro	Seixas
	1449/3	1954-02-04	Mais depressa se apanha um mentiroso...	
	1450/3	1954-02-11	Perdão	
	1453/1	1954-03-04	O nabo (texto adaptado)	
	1454/1,4	1954-03-11	O meu amigo Toni	
	1459/3	1954-04-15	Os dois compadres	
	1461/2	1954-04-29	Memorias dum gato	
	1468/3	1954-06-17	Memorias de um gato	
	1476/3	1954-08-12	Memorias de um gato	
	1490/4	1954-11-18	Memorias de um gato	
	1477/3	1954-08-19	Amor fraternal	
30	1504/3	1955-02-24	Heroísmo	
	1529/2	1955-08-18	Milú vai à pesca	
31	1545/2	1955-12-08	O porco transformado em urso	
29	1487/4	1954-10-28	E a lua surgiu...	Maria Auzenda Laranjinha da Silva Mateus
	1471/3	1954-07-08	Ultimas noticias da cigarra e da formiga	Maria Cândida F. de Cunha
	1473/1	1954-07-22	A menina dos morangos	Maria Cândida
	1475/2	1954-08-05	Um menino que não era mau	
30	1511/1,4	1955-12-10	O fruto proibido	Maria Emília Veiga
	1515/3	1955-05-12	O relógio	Lopes
	1518/2	1955-06-02	Margens do deserto	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
30	1521/2	1955-06-23	Desventuras do Serafim pica-pau	Maria Emília Veiga Lopes
	1524/2	1955-07-14	Boa «partida»	
	1527/2	1955-08-04	Os dois vizinhos	
	1528/1	1955-08-11	Passeio à serra	
	1532/3	1955-09-08	Os dois teimosos	
	1533/1	1955-09-15	Remédio santo	
	1534/3	1955-09-22	Uma historia de animais	
	1535/3	1955-09-29	O cachimbo da paz	
	1536/1	1955-10-05	O pretinho	
	1539/2	1955-10-27	«Cega-Rega»	
	1540/1	1955-11-03	Por umas cascas de alhos	
	1542/1	1955-11-17	A bola	
	1543/4	1955-11-24	Os sinos sabem falar...	
31	1547/1	1955-12-22	Sinos de Natal	Maria de Santo António
29	1440/4	1953-12-03	Bicharada e bicharia	
	1441/3,4	1953-12-10	João Além	
	1443/1	1953-12-24	Noite de Natal	
	1444/2	1953-12-31	São Silvestre	
	1445/3	1954-01-07	O meu amigo chinês	
	1448/3	1954-01-28	O pingo de água	
	1449/1	1954-02-04	Era uma vez um cedro...	
	1451/4	1954-02-18	A formiga e o elefante	
	1453/2	1954-03-04	Celebreiras...	
	1455/1	1954-03-18	Seara	
	1457/3	1954-04-01	Falta de vista	
	1458/2	1954-04-08	História da árvore	
	1459/3	1954-04-15	Mais uma do Bebé	
	1461/2	1954-04-29	História que o Sol contou	
	1462/1	1954-05-06	O caranguejo... e eu	
	1468/1	1954-06-17	Debaixo do turbante	
	1469/1	1954-06-24	Naquela noite...	
	1470/4	1954-07-01	O sal	
1471/4	1954-07-08	História do carvão		
1472/2	1954-07-15	A dançar o corridinho		
1473/3	1954-07-22	A carrocinha		

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
29	1474/3	1954-07-29	Ária da calúnia	Maria de Santo António
	1476/1	1954-08-12	O mealheiro humano	
	1478/3	1954-08-26	Sempre há lembranças	
	1479/1,4	1954-09-02	Um desastre...	
	1480/2	1954-09-09	O meu colar	
	1481/1,4	1954-09-16	O velho castanheiro	
	1482/3	1954-09-23	Subir é bom!	
	1483/3	1954-09-30	O Pim-Pam-Pum apresenta... O menino Barnabé filho do Sr. Barnabé	
	1484/1	1954-10-07	O gato e o ganso	
	1485/1	1954-10-14	Eles viram um leão...	
	1485/3	1954-10-14	O mosquito trombeteiro	
	1486/1	1954-10-21	História antiga	
	1489/3	1954-11-11	Carta de França	
	1490/1,2	1954-11-18	O lápis mágico	M.S.A.
	1492/2	I=XII=1954	Tchim Pó-pó	
	1493/1	1954-12-09	A abelha abelhuda ou o mel que tudo grude	
	1494/4	1954-12-16	O sapato da Princesa	
	1496/3	1954-12-30	A dança das horas	
	1497/1,3	1955-01-06	Chinesices	
	1498/3	1955-01-13	Antiguidades	
	1500/2	1955-01-27	Uma andorinha	
	1503/2	1955-02-17	Minha querida figueira!	
	1505/1,4	1955-03-03	Asas de caridade	
	1507/3	1955-03-17	O campo da preguiça	
	1508/1	1955-03-24	Rapazes, rapazes!...	
	1511/2	1955-04-14	O aeronáutica e o sr. Apolinario capicua	
	1512/1,4	1955-04-21	O tesouro de Ali-Wem	
	1514/2	1955-05-05	Senhor Pardal avarento	
	1515/3	1955-05-12	A mais bela assinatura	
	1516/4	1955-05-19	Igualdade	
	1517/2	1955-05-26	Aventura	
	1519/2	1955-06-09	No reino das descobertas	
	1520/2	1955-06-16	Fantasia	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
30	1522/3	1955-06-30	A cadeira	Maria de Santo António
	1523/2,3	1955-07-07	Por conta ... e risco!	
	1524/1	1955-07-14	O meu amigo elefante	
			Fernando é bom polícia:	
	1525/4	1955-07-21	1º episódio	
	1526/4	1955-07-28	2º episódio	
	1527/4	1955-08-04	3º episódio	
	1528/4	1955-08-11	4º episódio	
	1529/4	1955-08-18	5º episódio	
	1530/4	1955-08-25	6º episódio	
	1531/4	1955-09-01	7º episódio	
	1532/4	1955-09-08	8º episódio	
	1533/4	1955-09-15	9º episódio	
	1534/4	1955-09-22	10º episódio	
	1535/4	1955-09-29	11º episódio	
	1536/4	1955-10-05	12º episódio	
	1527/1,4	1955-08-04	Em caravana...	
	1529/1	1955-08-18	O pessegueiro em flor	
	1530/2	1955-08-25	A língua e os dentes	
	1531/2	1955-09-01	Que bem se está no polo	M. de S. A.
	1533/4	1955-09-15	Os olhos de Argos	
	1534/1,2	1955-09-22	Férias...submarinas	
	1534/2	1955-09-22	Dona lagarta Basófias	
	1536/3,4	1955-10-05	A mais rica joia	
	1537/1,3	1955-10-13	Bom preceito e senhor exemplo	
	1538/2	1955-10-20	A famosa filarmónica	
	1540/2	1955-11-03	Os cinco dons da princesa	
	1541/3	1955-11-10	Aventuras extraordinárias	
			Certo dia aconteceu...	
31	1542/4	1955-11-17	I – A praia	
	1543/4	1955-11-24	II – Campeões	
	1544/4	1955-12-01	III – O poço misterioso	
	1545/4	1955-12-08	IV – A descoberta	
	1546/4	1955-12-15	V – O herói	
	1547/4	1955-12-22	VI – O que disse o mar	
	1544/2	1955-12-01	Ronda do «Pim-Pam-Pum»	
	1547/1,4	1955-12-22	O Natal de São Claus	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
30	1526/1,4	1955-07-28	Um melro sem ... importância	Melro de Bico Amarelo
29	1447/2	1954-01-21	O papagaio	Morenita
30	1526/3	1955-07-28	Maldade castigada	
	1531/4	1955-09-01	A Ritinha:	
	1543/2	1955-11-24	(continuado do número anterior)	
29	1460/3	1954-04-22	O anão curioso	Natália Baptista
	1461/1	1954-04-22	...E Cinderela casou...	
	1462/3	1954-04-29	O Chico pretinho	
	1463/3	1954-05-06	A criada preta	
	1468/3	1954-05-13	A formiga vaidosa	
	1469/4	1954-06-17	Brinquedos do bebé	
	1478/2	1954-06-24	Fatita	
	1480/1	1954-08-26	O bebé vai crescer!	
	1491/2	1954-09-09	Saber estudar!	
29	1456/4	1954-03-25	Era uma vez três pinheiros...	Noémia Setembro
	1505/2	1955-03-03	O segredo do passarinho	
	1511/3	1955-04-14	Os três cães	
29	1467/1,4	1954-06-10	Luís de Camões	Paulo Soromenho
	1448/4	1954-01-28	Como eu cacei uma baleia no mar do Norte	Repórter Barbaças
	1456/1	1954-03-25	Como eu cacei um hipopótamo no rio Maribu	
	1458/4	1954-04-08	Como eu tive de comer um porco assado, com leõezinhos corados à volta	
	1466/1	1954-06-03	Foi assim que os grilos me salvaram...	
30	1499/1	1955-01-20	Como eu cacei um «marciano»	
	1504/2	1955-02-24	Como eu transformei um burro numa zebra	
	1524/2	1955-07-14	Como cacei cem mil mosquitos	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
30	1541/1,3	1955-11-10	Onde se descreve a maneira inteligente como eu cacei uma foca...	Repórter Barbichas
	1530/1	1955-08-25	Um violino no deserto	
29	1442/1	1953-12-17	A jovem heroína	Robin dos Bosques
	1455/4	1954-03-18	A filha do faroleiro	
	1456/1,4	1954-03-25	Uma história que a história conta	
	1458/1	1954-04-08	Pílulas de sono	
	1464/1	1954-05-20	O duende do tabaco	
	1488/4	1954-11-04	O melhor estímulo	
	1489/2	1954-11-11	Uma história de elefante	
30	1492/4	1954-12-01	Um mistério por desvendar:	
	1493/2	1954-12-09	(continuado do número anterior)	
	1495/4	1954-12-23	O Natal do lobo	
	1497/4	1955-01-06	A morte do Condor	
	1498/1,3	1955-01-13	A flauta chinesa	
	1499/1,4	1955-01-20	A aldeia dos avarentos	
	1500/1	1955-01-27	O estratagema do branco	
	1504/2	1955-02-24	Lenda de Mariscia	
	1510/1,4	1955-04-07	O homenzinho e o homenzarrão	
	1513/1,4	1955-04-28	O peso de um saco de terra	
	1517/3	1955-05-26	Um rapaz contra um leão	
	1518/4	1955-06-02	Esta aconteceu	
	1519/4	1955-06-09	Misterioso bandido	
	1531/1	1955-09-01	A melhor musica	Robin dos Mares
	1534/2	1955-09-22	O homem que soube ter coragem	
	1536/1,2	1955-10-05	Encontro perigoso	Robin da Selva
29	1463/3	1954-05-13	A trágica aventura da golete «Jenny»	
30	1528/3,4	1955-08-11	Treze homens em perigo	Robin da Selva
29	1464/2	1954-05-20	O bom ladrão	

Ano	Nº/Pág.	Data	Titulo	Autor
29	1446/2,4	1954-01-14	Breve história dos relógios	Sabichão das dúzias
	1447/3	1954-01-21	Ora aprende: Vamos ao circo!	
	1488/2	1954-11-04	Os discos voadores já existem há noventa anos!	
	1490/3	1954-11-18	Ora aprende: e os mudos falaram	
30	1493/3	1954-12-09	Historia de Luís Pasteur	
	1494/3	1954-12-16	Ora aprende!	
	1496/3	1954-12-30	A agua enfeitada	
	1498/4	1955-01-13	Ora aprende: uma ponte original	
	1523/1	1955-07-07	Mulheres inventoras	
	1525/3	1955-07-21	A história do jovem Watt	
	1542/1,4	1955-11-17	Ora aprende: breve história da máquina de costura	
31	1545/1	1955-12-08	Ora aprende: punha as mãos no fogo...	
29	1451/2	1954-02-18	Os doze bagos de romã	Uma Maria de Portugal
	1452/4	1952-02-25	Uma aventura de pesca	
	1465/3	1954-02-18	O peixe voraz	Vasco de Campos
	1466/2	1954-02-25	Singularidade de homens celebres	
	1470/1,2	1954-05-27	Nobreza	
	1474/2	1954-06-03	As heroínas de Monção	
	1487/2	1954-10-28	O boneco de açúcar	
	1488/1,3	1954-07-01	Artur da Bretanha	
	1491/2	1954-07-29	Pragas de gafanhoto	
30	1492/2	1954-10-28	O Tamandua	
	1493/4	1954-12-09	Honras entre os Romanos	
	1499/2	1955-01-20	Guelfos e Gibelinos	
	1500/3	1955-01-27	Portugueses na Índia	
	1501/2	1955-02-03	Moscas peçonhentas	
	1512/2	1955-04-21	Migrações de plantas	
	1513/3	1955-04-28	O Xeque Shadali	
	1516/3	1955-05-19	O assalto ao Porto	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
30	1533/2	1955-09-15	O dinheiro voador	Vasco de Campos
	1539/4	1955-10-27	A estátua de Júpiter	
	1541/3	1955-11-10	Batalha Naval	
	1542/3	1955-11-17	Mulheres de armas	
29	1477/2	1954-08-19	Querer é poder	Xandinha
	1491/4	1954-11-25	Uma história verdadeira – Cadaval – Xandinha	
30	1510/2,3	1955-04-07	A menina pobre e a menina rica	
29	1442/3	1953-12-17	A consulta	X.P.T.O.
	1444/1	1953-12-31	Ali é que estava o gato...	
	1472/1	1954-07-15	A locomotiva	
	1475/3	1954-08-05	O filho do almocreve	
30	1506/1,4	1955-03-10	Chamava-se «garoto»	
	1518/1,4	1955-06-02	O astuto viajante	
	1520/1,4	1955-06-16	Os dois sábios ignorantes	
	1538/1,3	1955-10-20	A Castelã de Crecy	
	1539/1,3	1955-10-27	Lenda do vinho	
31	1544/3	1955-12-01	O pior de tudo!	
	1545/1	1955-12-08	Amostra sem valor	
	1546/1	1955-12-15	O lenhador engenhoso	
30	1541/1	1955-11-10	Conversa com um rapaz «moderno»	Zé Caturrinha
	1506/2	1955-03-10	A Tia Mariana e o Serapião	Zita Campos
	1512/2,4	1955-04-21	A fada malmequer	
	1516/2	1955-05-19	Julieta	
	1521/1,2	1955-06-23	As duas rosas	
	1541/4	1955-11-10	Eram três irmãos:	
	1542/2	1955-11-17	(continuado do número anterior)	
31	1547/3	1955-12-22	Como nasceu a lua	
29	1479/2	1954-09-02	Um terrível drama	S/n

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
29	1440/2	1953-12-03	A gruta dos fantasmas: I – Perigosa situação	S/n
	1441/2	1953-12-10	II – O rapaz desconhecido	
	1442/2	1953-12-17	III – Salvo!	
	1443/2	1953-12-24	IV – Um homem na gruta	
	1444/3	1953-12-31	V – O homem que estava inocente	
			O tesouro do túmulo egípcio:	
	1446/4	1954-01-14	I – Os dois egiptólogos	
	1447/4	1954-01-21	II – Onde surgem novos personagens	
	1448/4	1954-01-28	III – Na manhã seguinte	
	1449/4	1954-02-04	IV – Um grito de angústia	
	1450/4	1954-02-11	V – Na gruta dos crocodilos	
			Fita da semana:	
	1447/4	1954-01-21	Uma estranha aventura!	
	1449/4	1954-02-04	A fuga...	
	1470/1	1954-07-01	O burro e o Zé da Adiça	
	1471/1	1954-07-08	O vitelinho justiceiro	
	1476/2	1954-08-12	O pintainho inteligente	
30	1480/1	1954-09-09	O jogo do prego...	
	1502/3	1955-02-10	As meninas, o menino e o rato...	
	1505/1,4	1955-03-03	Zéquinha o justiceiro	
	1512/1	1955-04-21	O Macaco, o menino e as bananas...	
	1520/1	1955-06-16	Os perfumados manjericos...	
	1534/1	1955-09-22	A melancia de Roberto	
31	1546/1	1955-12-15	O peru voador	
			História quase muda:	
29	1442/1	1953-12-17	O Golias em perigo	
	1445/1	1954-01-07	O herói do Caramão: o bolo-rei salvador	
	1447/1	1954-01-21	Vitoria! Vitoria! Vitoria!	
	1449/2	1954-02-04	A raposa caiu no buraco...	
	1451/4	1954-02-18	As atribulações do Sr. Pereirinha: depois de buscar lâ	
	1452/2	1954-02-25	Foi buscar lâ	
	1455/1	1954-03-18	O grande companheiro	

Ano	Nº/Pág.	Data	Titulo	Autor
29	1459/1	1954-04-15	História quase muda: Boa pontaria!	S/n
	1461/4	1954-04-29	A peixeira e o seu bichano	
	1462/4	1954-05-06	Como se ganha uma corrida de cavalos...	
	1469/1	1954-06-24	(Malaquias Mangerico)	
	1474/4	1954-07-29	O toureiro improvisado...	
	1479/1	1954-09-02	Um banho inesperado...	
	1488/1	1954-11-04	(Jeremias Pintadinho)	
	1491/4	1954-11-25	A raposa não comeu o menino	
	1494/1	1954-12-16	O menino era guloso...	
30	1499/4	1955-01-20	Era uma vez um galo...	
	1505/1	1955-03-03	O guarda-redes do C. F. Geripiti	
	1506/1	1955-03-10	Afinal, não era cobra...	
	1507/4	1955-03-17	Dois apitos, dois destinos	
	1510/4	1955-04-07	E a viagem continuou...	
	1511/4	1955-04-14	Malmequer sem pétalas...	
	1515/4	1955-05-12	Esperteza de rato...	
	1518/1	1955-06-02	A grande cantora...	
	1524/1	1955-07-14	O que faz o calor...	
	1530/1	1955-08-25	(Geripiti da Conceição)	
	1531/1	1955-09-01	Joãozinho em férias...	
	1532/4	1955-09-08	O banho inesperado	
31	1544/2	1955-12-01	Rapadinho de todo...	
29	1440/1	1953-12-03	Edital anos (11+10-8=29)	
	1440/3	1953-12-03	Depois da palestra do Tio Luís	
	1444/1	1953-12-31	Edital do Ano Novo	
	1448/1	1954-01-28	O Auto-retrato (Bd)	
	1451/2	1954-02-18	O ladrão do presunto	
	1454/1	1954-03-11	O pato desconfiado ... (Bd)	
	1456/3	1954-03-25	Lenda das asas	
	1460/1	1954-04-22	Habilidade económica...	
	1462/3	1954-05-06	O incêndio de Chicago	
	1464/2	1954-05-20	Esopo e o viajante	
	1468/2	1954-06-17	O crocodilo e a giboia	
	1474/1	1954-07-29	O pagamento da dívida (Bd)	
	1483/1,4	1954-09-30	A grande aventura de cavalo louco	

Ano	Nº/Pág.	Data	Titulo	Autor
29	1479/4	1954-09-02	O único herdeiro	S/n
	1484/1	1954-10-07	O Sr. Comilão	
	1485/4	1954-10-14	Isto é com as meninas...	
	1486/2	1954-10-21	A gata do profeta	
	1487/1	1954-10-28	O cavaleiro fantasma	
	1487/2	1954-10-28	Um pregador de 14 anos	
	1487/3	1954-10-28	Em S. Paio, perto de Gouveia: Uma historia verdadeira que encerra uma linda lição	
30	1492/1,2	1954-12-01	Data gloriosa e festiva	
	1492/2	1954-12-01	O jovem pintor de Florença	
	1493/3	1954-12-09	Era uma vez... umas chinelas!	
	1496/1	1954-12-30	A despedida do ano velho	
	1496/1	1954-12-30	A cabana do pastor	
			Aventuras do rato Boguinhas:	
	1498/4	1955-01-13	A bola de futebol	
	1503/1	1955-02-17	Uma bicha de rabiado...	
	1503/1	1955-02-17	Curiosidades americanas	
	1501/4	1955-02-03	Nas margens do lago Alberto	
	1510/1	1955-04-07	O Pedrinho e as amendoas... (Bd)	
	1516/1	1955-05-19	Perdidos no nevoeiro...	
	1516/2	1955-05-19	O minuto fatal!	
	1516/3	1955-05-19	Os rapazinhos e o pião... (Bd)	
	1516/3	1955-05-19	Um pequeno engano...	
	1521/1	1955-06-23	Um hotel para cães	
	1522/4	1955-06-30	Difícil de conquistar!	
	1526/2	1955-07-28	O poder da sugestão (Bd)	
	1527/1	1955-08-04	A senhora do ascensor...	
	1527/3	1955-08-04	Convivas inesperados	
	1539/1	1955-10-27	Valentão tinha um balão (Bd)	
	1540/1	1955-11-03	O assalto á capoeira... (Bd)	
31	1541/1	1955-11-10	Fanfarrão!	
	1544/1	1955-12-01	Um «pequenino-grande» jornal desta vez fizemos 31 e ganhamos!	
	1544/1	1955-12-01	(Edital) Tio Luís fala hoje em Rádio Clube Português	

Ano	Nº/Pág.	Data	Titulo	Autor
31	1547/4	1955-12-22	Na selva	S/n
30	1492/4	1954-12-01	O Sr. Pereirinha trouxe-nos os seus parabéns!	
			As atribuições do Sr. Pereirinha:	
	1454/3	1954-03-11	Um almoço que acaba mal...	
	1501/1	1955-02-03	Chuva, muita chuva...	
	1507/1	1955-03-17	Aproxima-se a Primavera	
	1514/4	1955-05-05	(Água fresquinha...)	
	1518/2	1955-06-02	O papagaio comprometedor	
31	1545/4	1955-12-08	Um susto de respeito...	
			Aventura na Califórnia:	
29	1480/4	1954-09-09	I – Encontro ao romper do dia...	
	1481/4	1954-09-16	II – A queda no abismo	
	1482/4	1954-09-23	III – A cidade de Dressler	
	1483/4	1954-09-30	IV – Acusado	
	1484/4	1954-10-07	V – A fuga	
	1485/4	1954-10-14	VI – O desconhecido do bosque	
	1486/4	1954-10-21	VII – A foto reveladora	
			O tesouro escondido:	
	1490/3	1954-11-18	I – Três rapazes discutem...	
	1491/3	1954-11-25	II – A grande revelação	
30	1492/3	1954-12-01	III – Arriscada exploração	
	1493/2	1954-12-09	IV – Onde aparece Mr. Wimple	
	1494/4	1954-12-16	V – Desfecho imprevisto	
			Clandestino a bordo:	
29	1463/4	1954-05-13	I – O filho do armador	
	1464/4	1954-05-20	II – Uma conversa estranha	
	1465/4	1954-05-27	III – O clandestino é descoberto	
	1466/4	1954-06-03	IV – Terrível revelação	
	1467/4	1954-06-10	V – O despertar de um sonho mau	
			A árvore da morte:	
	1457/1	1954-04-01	I – Um português no Equador	
	1458/4	1954-04-08	II – A lenda da montanha	
	1459/4	1954-04-15	III – Alarme na feitoria	
	1460/4	1954-04-22	IV – Suspeitas...	
	1461/4	1954-04-29	V – Desconfiança...	

Ano	Nº/Pág.	Data	Titulo	Autor
29	1462/4	1954-05-06	A arvore da morte: Mistério revelado	S/n
			Naufração do Lugre – Aventura:	
	1469/4	1954-06-24	I – O capitão Peter Smith	
	1470/4	1954-07-01	II – O assalto do banco	
	1471/4	1954-07-08	III – Os mineiros juram vingança	
	1472/4	1954-07-15	IV – Os dois marinheiros do Lugre	
	1473/4	1954-07-22	V – A vingança de Peter Smith	
	1474/4	1954-07-29	VI – Estranho achado	
			Pimpolho e os companheiros: (nova série de aventuras)	
	1455/4	1954-03-18	(Homem de maus instintos)	
	1459/1	1954-04-15	Olha o rato! Olha o rato!	
	1469/1	1954-06-24	(O Sr. Estanislau)	
	1472/4	1954-07-15	O cri-cri caiu à água	
	1475/4	1954-08-05	O valentão em perigo...	
30	1494/1	1954-12-16	Pimpolho e os companheiros estiveram em perigo	
	1521/1	1955-06-23	(«fogo de vistas»)	
29			Para entreter:	
	1456/2	1954-03-25	Experiência patusca	
	1478/1	1954-08-26	Jogo da cidadela	
30	1488/1	1954-11-04	Os fósforos encantados	
	1498/1	1955-01-13	O jogo das cartas	
			O príncipe e o pobre (adaptação do célebre romance de Mark Twain):	
	1498/4	1955-01-13	I – Dois berços	
	1499/4	1955-01-20	II – O falso príncipe	
	1500/4	1955-01-27	III – Os dois príncipes	
	1501/4	1955-02-03	IV – Henrique VIII e seu filho	
	1502/4	1955-02-10	V – O defensor de Tom	
	1503/4	1955-02-17	VI – Encontro	
	1504/4	1955-02-24	VII – Qual é o príncipe?	
	1505/4	1955-03-03	VIII – Não sou o príncipe!	
	1506/4	1955-03-10	IX – A morte do rei	
	1507/4	1955-03-17	X – A artimanha de Lorde Hartford	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
30	1508/4	1955-03-24	O príncipe e o pobre: XI – A «prova» do cão	S/n
	1509/4	1955-03-31	XII – O verdadeiro rei	
	1510/4	1955-04-07	XIII – O ofício de rei	
	1511/4	1955-04-14	XIV – O despertar do falso rei...	
	1512/4	1955-04-21	XV – A estalagem do negro	
	1513/4	1955-04-28	XVI – O assalto à hospedaria	
	1514/4	1955-05-05	XVII – Na véspera do grande dia	
	1515/4	1955-05-12	XVIII – No ultimo minuto	
	1516/4	1955-05-19	XIX – A coroação	
			Good-bye, o Cavalo Trovão e o cachorrinho:	T.L.
29	1451/1	1954-02-18	Os lagartos articulados	
	1465/1	1954-05-27	As chouricinhas explosivas	
	1488/3	1954-11-04	O vulcão salvador	
	1502/1,4	1955-02-10	O carapuço do feiticeiro	
	1507/2	1955-03-17	O trovão esteve em perigo	
	1519/1	1955-06-09	O balão salvador	
	1532/1	1955-09-08	Mary-Kotas, a menina teimosa	
	1543/1	1955-11-24	A seita dos valentinhos: do Vale das serpentes	
			As aventuras do Francisquinho do Outeiro:	Tio Luís
29	1447/1	1954-01-21	Os ciganos e o urso	
	1463/1	1954-05-13	A punição dos atrevidos...	
	1478/1	1954-08-26	Na estalagem do Estanislau...	
	1482/1	1954-09-23	Aquele pobrezinho	
	1486/1	1954-10-21	A faina das vindimas	
30	1496/4	1954-12-30	Onde esta o peru?	
	1503/1	1955-02-17	O baile de mascaras	
	1509/1	1955-03-31	Caçados à saída da “toca”	
	1517/1	1955-06-02	Quando o grilo canta...	
	1518/3	1955-07-21	Defesa inesperada!	
	1525/1	1955-07-21	As salsichas explodiram...	
	1531/3	1955-09-01	Um dia, na praia das ameijoas...	
	1539/1,4	1955-10-27	Na camioneta da carreira...	

Ano	Nº/Pág.	Data	Título	Autor
29	1450/1	1954-02-11	Naftalina: o melhor detective de todo o Mundo:	Tio Luís
	1453/4	1954-03-04	Os pós que fazem cócegas	
	1461/1	1954-04-29	Uma sereia na linha do Estoril	
	1462/2	1954-05-06	Um crime que não se deu...	
	1467/1	1954-06-10	Perseguição movimentada	
	1471/2	1954-07-08	A historia do menino gordo	
	1481/1	1954-09-16	O almocreve e os ovos	
30	1501/1,4	1954-09-16	O baile no palácio das pérolas	Tio Luís
	1506/1,4	1955-02-03	O falso mendigo	
	1514/1,4	1955-03-10	O assalto a casa da D. Gertrudes	
	1523/1	1955-05-05	O galo campeão!	
	1526/2,3	1955-07-07	Roubos no Museu	
	1540/1,2	1955-07-28	Problema resolvido	
		1955-11-03	Mãos ao ar!	
29			O comentário da semana:	Tio Luís
	1445/1	1954-01-07	O que nos disse o Menino 1954	
	1446/1	1954-01-14	(o gesto heróico do Cipriano de seis anos)	
	1454/1	1954-03-11	Um gatinho doente	
	1465/1	1954-05-27	Cara curiosidade	
	1468/4	1954-06-17	Pedrito quer ser alguém...	
	1472/4	1954-11-03	O cão que reapareceu	
30	1489/1	1954-11-11	O Jorge não tem medo	Tio Luís
	1501/1,4	1955-02-03	Um lindo gesto	
	1441/1	1953-12-10	O cisne do lago azul	
	1442/1	1953-12-17	Natal que se avizinha	
			Segredo da Mina:	
	1451/3	1954-02-18	I – A cabana abandonada	
	1452/3	1954-02-25	II – O mineiro revela o seu segredo	
29	1453/3	1954-03-4	III – Desagradável surpresa	Tio Luís
	1454/3	1954-03-11	IV – Rodrigo é preso	
	1455/2	1954-03-18	V – Na pista de Carlos	
	1456/2	1954-03-25	VI – A mina revela o seu segredo	

ANEXO II

FICHA DE ANÁLISE DO SUPLEMENTO INFANTIL «PIM-PAM-PUM»

NOME	Nº/PAG	CARACTERIZAÇÃO	IMAGEM/CONCEITO	VALORES	GÉNERO